



Universidade da Amazônia

Menina e Moça

de Bernardim Ribeiro



NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 210-3196 / 210-3181

www.nead.unama.br

E-mail: uvb@unama.br

Menina e Moça

de Bernardim Ribeiro

Livro primeiro

Capítulo I

Menina e moça me levaram de casa de minha mãe para muito longe. Que causa fosse então daquela minha levada, era ainda pequena, não a soube. Agora não é ponho outra, senão que parece que já então havia de ser o que depois foi. Vivi ali tanto tempo quanto foi necessário para não poder viver em outra parte. Muito contente fui naquela terra, mas, coitada de mim, que em breve espaço se mudou tudo aquilo que em longo tempo se buscou e para longo tempo se buscava. Grande desventura foi a que me fez ser triste ou, por aventura, a que me fez ser leda. Depois que eu vi tantas cousas trocadas por outras, e o prazer feito mágoa maior, a tanta tristeza cheguei que mais me pesava do bem que tive, que do mal que tinha. Escolhi para meu contentamento (se em tristezas e cuidados [há] algum) vir-me viver a este monte onde o lugar e a mingua da conversação da gente fosse como já para meu cuidado cumpria, porque grande erro fora, depois de tantos nojos quantos eu com estes meus olhos vi, aventurar-me ainda a esperar do mundo o descanso que ele não deu a ninguém. Estando eu assi sou tão longe de toda a gente e de mim ainda mais longe, donde não vejo senão serras que se não mudam de um cabo, nunca, e doutra águas do mar que nunca estão quedas, onde cuidava eu já que esquecia a desventura porque ela e depois eu, a todo poder que ambas podemos, não deixamos em mim nada em que pudesse achar lugar nova mágoa; antes tudo havia muito tempo, como há, que povoado de tristezas, e com razão. Mas parece que das desaventuras há mudança para outras desaventuras, que do bem não a havia para outro bem. E foi assi que por caso estranho fui levada em parte onde me forem diante meus olhos apresentadas em coisas alheias todas as minhas angustias, e o meu sentido de ouvir não ficou sem sua parte de dor. Ali vi então na piedade que ouve de outrem, tamanha a devera de ter de mim, se não fora demasiadamente mais amiga de minha dor do que parece que foi de mim quem me é a causa dela. Mas tamanha é a razão por que são triste, que nunca me veio mal nenhum que eu já não andasse em busca dele. Daqui me veio a mim parecer que esta mudança em que me eu agora vejo, já a eu então começava a buscar, quando me esta terra onde me ela aconteceu, aprouve mais que outra venha para vir nela acabar os poucos dias de vida, que eu cuidei me sobejavam. Mas em isto como em as outras cousas também me enganei: que agora já ha dous anos que estou aqui e não sei ainda tão somente determinar para quando me aguarda a derradeira hora. Não pode já vir longe. Isto me pôs em dúvida de começar a escrever as cousas que vi e ouvi. Mas depois, cuidando comigo, disse eu que arreçar de não acabar de escrever o que vi, não era cousa para o deixar de fazer, pois não havia de escrever para ninguém senão para mim sou, ante quem cousas não acabadas não havia de ser novo: que, quando vi eu prazer acabado ou mal que tivesse fim? Antes me pareceu que este tempo que hei-de estar assi em este ermo (como ao meu mal aprouve), não o podia empregar em cousa que mais de minha vontade fosse. Pois Deus quis, assi minha vontade seja. Se em algum tempo se achar este libro de pessoas alegres, não o levam: que por aventura parecendo-lhe que seus casos

serão mudáveis como os aqui contados, o seu prazer lhes será menos prazer. Isto, onde eu estivesse, me doeria; porque assaz [abastava] nascer eu para minhas mágoas senão ainda para as doutrem.

Os tristes o poder em ler, mas ai não os ouve mais, depois que nas mulheres ouve piedade. Nas mulheres, sim, porque sempre nos homens ouve desamor. Mas para elas não o faço eu; que pois que o seu mal é tamanho, que se não pode confortar com outro nenhum, é para as mais entristecer. Sem-razão seria querer eu que o lessem elas; mas antes lhes peço muito que fujam dele e de toda as cousas de tristeza; que ainda com isto poucos serão os dias que hão-de poder ser ledas, porque assi está ordenado pela desventura com que elas nascem. Para há só pessoa podia ele ser; mas desta não soube eu mais parte, depois que suas desditas e minhas o levaram para longes terras e estranhas, onde bem sei eu que, vivo ou morto, o possui a terra sem prazer nenhum.

Meu amigo verdadeiro, quem me vos levou tão longe? Que vos comigo e eu convosco, sós, só íamos passar nossos nojos grandes, e tão pequenos para os de depois! A vos contava eu tudo. Como vos fostes, tudo se tornou tristeza; nem parece ainda senão que estava espreitando já que vos fosses. E por que tudo ainda mais me magoasse, tão somente não me foi deixado em vossa partida o conforto de saber para que parte de terra ies, que descansaram meus olhos em levarem para lá a vista. Tudo me foi tirado no meu mal, nem remédio nem conforto ouve ai. Para morrer, azinha me pudera isto aproveitar; mas para isto não me aproveitou. Inda convosco ousou desventura algum modo de piedade em vos alongar desta terra: pois que para não sentirdes mágoas não havia remédio, para as não ouvirdes vo-lo deu.

Coitada de mim, que estou falando e não vejo ora eu que leva o vento as minhas palavras, en que me não pode ouvir a quem falo. Bem sei que não era eu para isto. Aqui me quero ora por, porque escrever alga cousa pede alto repouso, e a mim as minhas mágoas oras me levam para um cabo oras para outro e trazem-me assi, que me é forçado tomar as palavras que me elas dão, porque não são tão constrangida servir ao engenho como à minha dor. Destas culpas me acharam muitas neste livrinho, mas da minha ventura foram elas. Ainda que, quem me manda a mim olhar por culpas nem desculpas, que o livro há-de ser do que vai escrito nele? Das tristezas não se pode contar nada ordenadamente, porque desordenadamente acontecem elas, e também por outra parte não me dá nada não o leva ninguém, que eu não o faço senão para um só, ou para nenhum, pois dele, como disse, não sei parte, tanto há. Mas se ainda está para me ser em algum tempo outorgado que este pequeno penhor de meus longos suspiros vá ante os seus olhos, muitas outras cousas desejo, mas esta me seria asas.

Capitulo II

Em que a donzela vai prosseguindo sua história

Neste monte mais alto de todos que eu vim buscar pela saudade diferente dos outros que nele achei, passava eu minha vida como só ia, ora em me ir pelos fundos destes vales que o singrem ao derredor, ora em me por do mais alto dele a olhar a terra como ia acabar ao mar, e depois o mar como se estendia logo após ela, para se ir acabar onde o ninguém visse. Mas quando vinha a noute, aceita a meus pensamentos, que via as aves buscar os pousos, as chamarem às outras,

parecendo que queria sossegar a terra mesma, então eu triste com os cuidados dobrados dos com que amanhecera, me recolhia para minha prove casa, onde só Deus me é boa testemunha de como as noites dormia. Assi passava eu o tempo, quando, a das passadas, pouco haveria, levantando-me eu, vi a manhã como se erguia formosa, estender-se graciosamente por entre os vales e deixar indo os altos; que já o Sol, levantado até os peitos, vinha tomando posse nos outeiros, como quem se queria senhorear da terra. As doces aves, batendo as asas, andavam buscando as outras. Os pastores, tangendo as suas flautas e rodeados dos seus gados, começavam d'asomar já pelas semeadas. Para todos parecia que vinha aquele dia assi ledado. Os meus cuidados só vendo como vinha o seu contrário (ao parecer poderoso), recolheram-se a mim, pondo-me ante os olhos para quanto prazer pudera aquele dia vir, senão fora tudo tão mudado; por onde o que fazia alegre todas as cousas, a mim só teve causa de fazer triste. E como os meus cuidados, para o que tinha a ventura já ordenado, me comessem d'entrar pela lembrança de algum tempo que foi, e que nunca fora, ensenhorearam-se assi de mim, que me não podia já sofrer a par da minha casa, e desejava ir-me por lugares só onde desabafasse em suspirar. E ainda bem não foi alto dia, quando eu (parece que o senti) determinei ir-me para o pé deste monte que de arvoredos grandes e verdes ervas e deleitosas sombras cheio lhe, [por onde corre um] pequeno ribeiro de água de todo ano, que nas noites caladas o rugido dele faz no mais alto deste monte um saudoso tom que muitas vezes me tolheu o sono a mim, onde eu vou muitas vezes deixar as minhas lágrimas, onde também muitas enfindas as torno a beber. Começava então de querer cair a calma e no caminho com a pressa que eu levava por fugir a ela, ou pela desventura que me levava, três ou quatro vezes cai, mas eu (que depois de triste cuidei que não tinha mais que temer) não olhei nada por aquilo em que parece que Deus me queria avisar da mudança que depois havia de vir. Chegando à borda, olhei para onde via maiores sombras e pareceram-me as que estavam além do rio. Disse eu então entre mim que naquilo se enxergava que era mais desejado tudo o que com mais trabalho se podia haver, porque não se podia ir além [sem se] passar a água que corria ali mais mansa e mais alta que noutra parte. Mas eu (que sempre folguei de buscar meu dano) passei além e fui-me assentar de sob a espessa sombra de um verde freixo que para baixo um pouco estava e algas das ramas estendia por cima da água que ali fazia tamalaves de corrente, e impedida de um penedo que no meio dela estava, que se partia para um e outro cabo, murmurando. Eu que os olhos levava ali postos, comecei a cuidar como nas cousas que não tinham entendimento havia também fazerem-se às outras nojo, e estava ali aprendendo tomar algum conforto no meu mal: que assi aquele penedo estava ali anojando aquela água que queria ir seu caminho, como as minhas desaventuras noutra tempo sorriam fazer a tudo o que mais queria, que agora já não quero nada. E crescia-me daquilo um pesar; porque a cabo do penedo tornava a água a juntar-se e ir seu caminho sem estrondo algum, mas antes parecia que corria ali mais depressa que pela outra parte, e dizia eu que seria aquilo por se apartar mais asinha daquele penedo, inimigo de seu curso natural, que, como por força, ali estava. Não tardou muito que, estando eu assi cuidando, sobre um verde ramo que por cima da água se estendia, se veio aposentar um rouxinol; e começou tão docemente cantar que de todo me levou após se o meu sentido de ouvir. E ele cada vez crescia mais em seus queixumes, cada ora parecia que como cansado queria acabar, senão quando tornava como que começava então. A triste da avezinha que estando-se assi queixando, não sei como, caio morta sobre a água, e caindo por entre as ramas, muitas folhas caíram também com ela. E pareceu aquilo sinal de

pesar àquele arvoredado seu caso tão desastrado. Levava-a após si a água e as folhas após ela. Quisera-a eu tomar, mas por a corrente que ali fazia grande, e por o mato que dali para baixo acerca do rio logo estava, prestemente se me alongou da vista. Mas o coração me doeu tanto então em ver tão asinha morto quem antes, tão pouco havia, que vira estar cantando, que não pude ter as lágrimas. Certo que por cousa deste mundo, depois que eu perdi outra cousa, não me pareceu a mim que chorasse assi de vontade; mas em parte este meu cuidado não foi em vão; porque ainda que por a desventura daquela avezinha fossem causadas minhas lágrimas, lá ao sair delas, foram juntas outras minhas lembranças tristes. Grande pedaço de tempo estive assi, embargados meus olhos entre os cuidados que muito tempo havia que me tinham já então, e ainda terão, quando venha o tempo que alguma pessoa estranha, de dó de mim, com as suas mãos cerre estes meus olhos que nunca foram fartos de me mostrarem mágoas. Estando assi [olhando] para donde corria a água, senti bulir o arvoredado. Cuidando que fosse outra cousa, tomou-me medo; mas olhando para lá, vi que vinha a mulher, e pondo nela bem os olhos, vi que era de corpo alto, disposição boa, o rosto de senhora, dona do tempo antigo. Vestida toda de preto, no seu manso andar e seguros meneios do corpo e do [rosto] e olhar, parecia d'acatamento. Vinha só, na semelhança tão cuidadosa, que não apertava os ramos de si, senão quando é impediam o caminho, o é fariam o rosto. Os seus pés traziam perante as frescas ervas, e parte do vestido estendido por elas. E entre uns vagarosos passos qu'ela dava, de quando em quando colhia um cansado fôlego, como que é queria falecer a alma. Sendo junto de mi, que me viu, ajuntando as mãos à maneira de medo de mulher, um pouco ficou como que vira cousa desacostumada, e eu que também assi estava, não de medo, que a sua boa sombra logo não consentiu, mas da novidade daquilo que ainda ali não vira, havendo muito que por meu mal tinha continuado aquele lugar e toda aquela [ribeira]. Não esteve ela muito, que parece que conhecendo também de mi como estava, com boa sombra: "Maravilha lhe" (começou vir dizendo contra mim) "ver donzela em ermo, depois que a grande minha desventura levou a todo mundo o meu..." e dai a pedaço, misturado já com lágrimas, deixou: "filho". E depois, tirando da manga um lenço, começou d'limpar o seu rosto [e chegando-se] para onde eu estava. E levantei-me então, fazendo-lhe aquela cortesia que me ela com a sua e consigo obrigava. E ela, "o descostume grande", me disse, "em que há muito tempo que vivo neste ermo, de ver pessoa nenhuma me faz, senhora, desejar saber quem sois e que fazeis aqui ou que viestes a fazer, formosa e só". Eu que um pouco tardava em é responder pela dúvida que tinha e em mim estava, que é diria (parece-me que entendendo-me ela a mim). "Podeis dizer tudo" (me tornou) "que eu sou mulher como vos, e segundo sigo vossa presença, vos devo ainda ser muito conforme, porque me pareceis ser triste que os vossos olhos muito tem a vossa formosura desfeita, ao longe não se enxergava." "Pareceis vos logo, senhora, ao longe" (respondi eu) "o que sois ao perto, não vos saberia negar cousa em que de mi vos servireis, que os vossos trajas e tudo que em vos olho, é cheio de tristeza, cousa a que eu sou há muito tempo conforme, e porque posso mal encobrir o senhorio que [eu mesma] às minhas longas mágoas tenho dado sobre mi, não me quero rogar, mas antes vos deverá ainda de agradecer quererdes saber de mim o que quereis, para ser ao menos escutado meu mal alguma ora". "Pois dissei-me" (me tornou ela) "para o que ficardes-me devendo ouvir-vos eu, nova maneira é também de [me] obrigardes, mas assi me pareceis vos, que de vos ser obrigada folgo muito eu ainda". Satisfazendo-lhe então disse:

"Fui a donzela que neste monte da banda d'além deste ribeiro pouco há que vivo, e não posso viver muito. Noutra terra nasci, noutra também de muita gente me criei, donde vim, fugindo para este despovoado de tudo, senão só das mágoas que eu trouxe comigo, a este vale por onde correm estas águas claras que vedes. O alto arvoredado de espessas sombras sobre a verde erva e flores que por aqui parecem a seu prazer, se estendem ribeiras desta água fria, doces moradas e pousos das só deleitosas aves são tão conformes aos meus cuidados que o mais do tempo que o Sol assegura a terra passo aqui. Que, em que me vejas só, acompanhada estou. Muito há que tenho usado este caminho. Nunca vi senão agora a vós. A grande saudade deste vale e de toda a terra por aqui derredor me fez ousar vir assi, mulher formosa bem vedes que o não sou já; e pois que não tenho armas para ofender, para me defender já, para que me seriam necessárias? A toda parte já agora posso ir segura de tudo, senão só de meu cuidado, que não vou a cabo nenhum, que ele não vá após mi. Agora dantes estava eu aqui, só, olhando para aquele penedo (mostrando-lhe então como estava ali enojando aquela água que queria ir seu caminho). Ante os meus olhos, sobre aquele ramo que a cobre, se veio por um rouxinol docemente cantando. De quando em quando parecia que é respondia outro lá muito longe. Estando ele assi no maior canto, caiu morto sobre aquela água que o levou tão asinha que o não pude eu ir tomar. Tamanha mágoa me cresceu disto, que me acordei de outras minhas de que também grandes desastres causa foram, e levaram-me donde me eu também não podia já tornar." A estas palavras se me arrasaram os olhos d'água, e fui com as mãos a eles. "E isto, senhora, fazia eu quando vos aparecestes, e o faço as mais das vezes, porque sempre eu choro ou estou para chorar." Eu que tinha já respondido, detive-me um pouco cuidando como é perguntaria outro tanto dela, maiormente a causa que foi de suas lágrimas, quando não pode senão mui tarde dizer: "filho". Ela (cuidando que por aventura o não queria dizer): "Mas bem se vê nisso", me disse, "senhora, que sois doutra parte e não há muito que estais nesta, pois dos desastres que sobre este ribeiro acontecem vos espantais; que é há história muito falada nesta terra toda e por aqui derrador, muito há que aconteceu. Lembra-me que era eu menina e ouvi-a já contar a meu pai, por história. Agora ainda folgo de cuidar nela, pelos grandes acontecimentos de desaventuras que nela ouve, [e] ainda que nenhum mal alheio possa confortar o próprio de cada um, parte de ajuda para o sofrimento me é saber eu, que antigo é fazerem-se as cousas sem razão, e contra razão. De boa vontade (que parece que ainda a não ouvistes) vo-la contara, que segundo entendo devem-vos aprazer as cousas tristes, como me vos a mi dizeis. "O Sol" (lhe respondi) "vai alto e eu folgaria muito de a ouvir, pela ouvir a vos, e depois por saber como não busquei em balde esta terra para minhas tristezas, pois tanto há que se costumam nela. Outra [cousa], senhora, vos quisera eu agora dantes perguntar, mas fique para depois, que para tudo haverá tempo, ainda que pois a história dizeis que é de tristezas não poderá durar tão pouco como o dia. "Os dias são agora grandes" (me tornou) "e não poderem eles nunca ser tão pequenos, que vos eu a todo meu poder não faça a vontade neles. Assi sou eu pagada de vos. Mas olhai o que quereis antes. "Cousa em que vos folgais inda agora de cuidar" (lhe respondi) "não pode ser pouco para desejar de ouvir. O que eu antes quisera, ou para depois, ou para sempre, que só de o eu querer é deve vir isto. Não tomeis daqui que não folgarei de ouvir a história, porque isso pudera ser se não fora de tristeza, para que eu vou já agora achando o tempo curto, tanto folgo com ela. Por isso contai-a, senhora, contai-a, pois é triste, gastaremos o tempo naquilo para que no-lo deram, a vos e a mi."

Capítulo III

Da conta que a dona da donzela de sua vinda àquela terra.

"Coitada de mi" (começou ela) "que para me magoar busco ainda desaventuras alheias, como que as minhas não bastassem, que são tantas que muitas vezes nestes despovoados eu mesma me ando espantando de mim como as posso sofrer! Por isso não vos parecia sem causa triste de longe, e triste de perto, que assi o sou eu, se o soubésseis ainda muito mais vo-lo pareceria, do que cuido que parecerei na presença; porque a longa dor em que há já muito tempo que eu duro, tem o coitado deste meu corpo tão acostumado a sofrê-la, que já agora vive nela.

Este é um dos queixumes grandes que eu tenho do corpo: que [não] há cousa para que ele por longo costume não seja. E assi há já muitos anos que eu não vivo para mi, e que vim para estes ermos, fugindo da gente, para quem só anoiteceu e amanheceu. Muito me aprouve achar-vos também amiga da tristeza, porque nos consolaremos ambas desconsoladas; que isto vai assi como quem é doente de há peçonha e cura-se com outra. Quando vos eu da primeira vi, o apartamento de toda a gente que em esta terra há muito, e o muito também que há que eu não vi nele cousa com que falasse, me moveu a alteração. E não pus os olhos em vos tanto como depois que vos falei, agora, que tanto mais vos olho, mais acho para vos olhar. As passadas vossas palavras me dizem que deveis ter o coração altamente agravado. Nas mágoas que as lágrimas tem feito no vosso rosto (que para esses vossos parece que não foi dado), entendo eu quão dada deveis de ser aos cuidados, que não soem elas fazerem-se de balde. Vejo-vos moça, ainda éreis para viver no mundo.

Mal aja a desventura que tão cedo começou em vos, e tão tarde não acaba em mim! Muito folgaria de me contardes vossa tristeza há e, que assi como vo-la ouvi não me abastou mais que para me magoar. Mas pois vos, senhora, assi fostes servida, eu sou contente, que por outra parte folgo pela vossa, que pois não pudestes escusar desaventuras, menos é virdes ter mal, que folgueis em encoberto. Que o pesar (onde há este bem), ainda que não aproveita para dele nos doermos, aproveita logo para se sofrer melhor. Isto é assaz para as tristes das mulheres, que não temos remédios para o mal, que os homens tem. Porque, o pouco tempo que há que vivo, tenho aprendido que não há tristeza nos homens. Só as mulheres são tristes: que as tristezas, quando viram que os homens andavam de um cabo para outro, e como as mais das cousas com as continuas mudanças hora se espalham hora se perdem, e as muitas ocupações é tolhiam o mais do tempo, tornaram-se às coitadas das mulheres, ou porque aborreceram as mudanças, ou porque elas não tinham para onde lhes fugir. Que certamente, segundo as desaventuras são desarrazoadas e graves, aos homens se haviam de fazer; mas quando com eles não puderam, tornaram-se a nos, como à parte mais fraca. Assi que padecemos dous males: um que sofremos, e outro que se não fez para nós. Os homens cuidam outra cousa (mas o que das mulheres não cuidam eles), outra cousa longamente acostumaram: ter em pouco suas tristezas; mas se elas por isso tem razão de serem mais tristes ou não, sabê-lo-há quem souber que mágoa é manter verdade desconhecida". A isto não pude eu ter um cansado suspiro de dentro da alma. E ela sentindo-o com quanto o eu encobri, estendendo a sua direita mão e tomando-me a minha com dissimulação suspeitosa, tornou a falar, como para mi dizendo: "Quando eu era da vossa idade, estava em casa de meu pai. Nos longos

serões das espantosas noites do inverno entre outras mulheres de casa, delas fiando e delas debando, muitas vezes, para enganarmos o trabalho, ordenávamos que alga de nos contasse histórias que não deixasse parecer o serão longo. E há mulher de casa já velha que vira muito e ouvira muitas cousas, por mais anseiam, dizia sempre que para ela só pertencia aquele ofício. Então contava histórias de cavaleiros andantes. E verdadeiramente, as afrontas e grandes desaventuras que ela contava a que se eles punham pelas donzelas, me fazia haver do deles, e cuidava eu que um cavaleiro apostamente armado sobre seu formoso cavalo pela ribeira de um rio deste gracioso campo passando, não podia ir tão triste como há delicada donzela, em alto aposento, acostada ao seu estrado, entre paredes, só, podia estar, vendo-se d'altos muros cercada, e de tantas guardas feitas para cousa de tão pequena força. Mas para é tolherem as vontades fizeram grandes defesas e para é entrar o nojo, pequenas. Mais maneira tem os cavaleiros para se mostrarem mais tristes do que são, e menos maneira tem as donzelas para se mostrarem mais tristes do que parecem aos homens. Ao menos, se eu, depois que soube muitas cousas, pudera tornar atras, menos me houveram de magoar algas do que me magoaram; que também se deve esperar da dor aquilo para que cada um a tem. Doutra maneira não se devia ela de ter, ou ao menos devia-se de mostrar que se não tem. Digo isto, senhora, porque pelo lugar onde suspirou vosso coração, que vos de mim quanto pudestes vos [quiséreis] encobrir, suspeito eu que d'alguma grande sem-razão deveis trazer o sentido magoado, que a vossa idade não era para matos. Se os homens nunca acostumaram agravar as donzelas, muito fora de sentir, mas das cousas costumadas, quem se deve agravar? Muito tempo vos posso dizer (ainda que o conhecimento entre nos seja pouco), porque sou mais velha que vos, e porque é verdade, (para que se não deve esperar tempo como para as outras cousas). Quantas donzelas comeu já a terra com as saudades que é deixaram cavaleiros, que comeu outra terra com outras saudades? Cheios são os livros de histórias de donzelas que ficaram chorando por cavaleiros que se iam e que se lembravam ainda de dar d'esporas a seus cavalos, porque não eram tão desamorosos como eles. Neste conto não entraram só os dous amigos (de que é a história que vos eu dantes prometi). Neles só cuidou que se encerrou a fé que em todo os outros se perdeu, e creio que por isso ordenaram outros homens de os matar a traição, porque se não pareciam meramente com eles. Que o mal não tão somente aborreceu o bem, mas não quisera ainda que houvera ai lembrar-se. Que quando meu pai contava a vileza da maneira que tiveram os falsos cavaleiros para matarem os dous amigos, dizia que muito folgara de nunca a ouvir para a não saber, pois não viera em tempo para deixar d'ir à terra magoado, que já a geração deles não havia ai. Mas se muito para sentir foi a morte dos dous, muito mais para sentir foi a morte das duas donzelas que a desventura trouxe a tanta estreita, que não tão somente conveio aos dous amigos tomarem a morte por elas, mas ainda conveio a elas tomarem-na para si mesmas. Os dous amigos no que fizeram cumpriram com eles e consigo mesmos (a que eram todos pela cavalaria que mantinham, obrigados).

Elas sós cumpriram com eles, o que eu creio que é dê maior estima, porque elas por outros não fizeram aquilo, e eles por outras deveram-no de fazer. Assi que, como de pessoas que fizeram mais, se deve também mais a morte de sentir. Ainda que a mim igualmente me doem uns e outros, elas, porque eram mulheres, eles, porque não eram como outros homens. Isto digo eu para vos e para mim, porque meu filho também era homem".

Capítulo IV

Das palavras que a dona co'a donzela passou.

Com esta palavra começaram as lágrimas de correr pelas suas faces abaixo, e ela não soltando a fala, disse: "Perdoar-me-eis, senhora (que pela minha idade bem vos posso chamar filha), se muitas vezes me virdes fazer isto, ainda que a vos não devem lágrimas ser estranhas, pois tanto folgastes de buscar lugares sós como estes em que estamos, que já noutro tempo dizem que foram de muito nobres cavaleiros e formosas donzelas, e ainda agora por aqui há lugares onde acham moços que guardam gado, pedaços d'armas e jóias de grande valia, o que parece que faz este vale de mais triste sombra que outro nenhum. Não sei este desconcerto do mundo donde há d'ir ter. Um tempo foram estes vales muito povoados e agora muito desertos. Só iam gentes d'andar neles, agora andam alimárias feras. Uns deixam o que outros tomam. Para que era tanta mudança em há só terra? Mas parece que também a terra se muda com as cousas dela. É esta, por que passou o tempo de quando foi leda, veio este de quando havia de ser triste, de muito povoada e de ricos edifícios nobrecida, tornou-se destes altos arvoredos como a natureza os produziu a povoar. Ainda em alguns cabos deste vale estão algumas antigas árvores que pelo muito descurso de tempo e descostume como foram criadas, parecem já doutra promagem deferente daquela de que deviam ser quando, ajudadas de pomareiras mãos, produziam seus perfeitos frutos. Tudo quanto há neste vale é cheio da lembrança triste para quem tiver ouvido o que dizem que aconteceu nele, e o que foi já noutro tempo, que parecia então que não era para vir a este d'agora. Mas tudo enfim é assi. Fazem-se as cousas para outras, para que se não faziam. Mal cuidariam os dous amigos, quando aceitaram a alta empresa de guardar as aventuras deste vale, para só aprazer às formosas duas donzelas, que era para tanto seu desprazer delas. E mal também cuidaram elas, quando aquele dia da grande desventura se vestiram e concertaram ricamente para verem os dous cavaleiros amigos, que era para os não verem mais. Trazem-nos os nossos fados com não sei que antolhos, que temos as cousas diante e não nas vemos. Tudo anda trocado que não s'entende, e assi nos vem tomar as mágoas quando estamos mais desasseguradas delas, que nos doem a um mesmo tempo o bem que perdemos e o mal que depois cobramos". Aqui deu ela um grande suspiro, e esteve como que quisera dizer outra cousa, e tornou dizendo. "Mas tempo é de cumprir o que vos prometi, que bem vejo que me leva, muito há, minha dor após si.

Capítulo V

Do que Lamentor passou naquela parte onde foi aportar com sua nao: e da batalha que teve com o cavaleiro da ponte e do que mais sucedeu.

De reinos estrangeiros dizem que veio no tempo passado ter a estas partes um nobre e famoso cavaleiro. Aportou cerca onde este pequeno rio que por aqui corre, entra no mar. E como ele viesse em há não grande de muita riqueza sua carregada, e sobre tudo de duas formosas irmãs, e há a que ele mais que a si queria, e porque ela sentisse menos a saudade de sua natureza, trouxera a outra irmã, donzela mais pequena que aquela, por que ele vinha assi buscar terras

estranhas. Contam que elas eram filhas dum alto homem, como se depois por tempo soube pelos muitos cavaleiros andantes que pelo mundo foram espalhados naquela sazão. Mas esta é história longa. Aportado Lamentor (que assi se chamou nestas partes), como digo, a vida inteira informação da terra e da gente dela, como ele [viesses] da maneira que vinha, não queria fazer seu assento em lugar nenhum muito povoado, e saindo um dia pela manhã da nao com toda sua riqueza, começou caminhar por este vale arriba, que para tudo tinham já ai seus criados o conserto necessário. Nas ricas andas, que Lamentor na nao trouxera, iam as duas irmãs, porque a maior vinha prenha de dias. E a manhã era graciosa, assi parecia que s'acertou para é a terra mais contentar. Era o ano no mês de Abril quando enflorescem as árvores e as aves que até então estiveram caladas começam d'andar fazendo suas querelas doutro ano por entre o arvoredado deste vale, que bem podeis ver que quando seria então, pois agora o é tanto. Iam eles tomando solaz, hora em há cousa hora noutra, que tudo buscava Lamentor mui inteiramente para que sua senhora e a donzela sua irmã, em alguma maneira perdessem a saudade de sua terra e o nojo do mar.

E sendo eles junto de há ponte que aqui logo ainda está, e querendo-a passar, é disse um escudeiro que no começo dela estava:

«Senhor cavaleiro, se quereis passar, convém que façais de duas há: ou que confesseis que o cavaleiro que mantém este passo, quer bem com mais razão que ninguém, ou o determinar a justa.» «Muitas cousas havia mister saber,» é respondeu Lamentor, «quem houvesse de responder a essa pergunta. E como se pode saber se quer ele bem com muita razão, sem ouvir primeiro onde e como o quer? Mas, por agora, disse eu não me curo, que a mim basta-me que por mais razão com que ele queira bem, eu o quero com mais que ele, e que todo os do mundo. Isto que sei certo de mim, me escusa saber mais dele, que a condição com que guarda esta ponte. E a razão que ele tem para isso, guarde-a para si, que para ele poderá ser que parecer a maior do mundo. Deveis, bom escudeiro, de é dizer que faria bem deixar-me passar antes que o julgue a justa.» O escudeiro que já olhara para as andas e nunca cousa tão bem é parecerá, é tornou: «E escusado para ele essa embaixada, porque está tão ufano, que não pode ninguém agora com ele (e na verdade tem causa); porque fará daqui a oito dias três anos que ele mantém este passo, sem achar nunca cavaleiro que o vencesse, sendo o mais continuado deles que por toda esta terra há, e então s'acaba o prazo que é foi dado por há donzela mais formosa que nestas partes agora se sabe, filha do senhor daquele castelo que naquele alto parece, em que é ela prometeu o seu amor, sendo esta ponte por ele guardada com a condição que ouvistes. Mas porém, senhor cavaleiro, se ele fosse sabedor da companhia que trazeis convosco, com razão devia temer agora mais que nunca. Mas eu com tudo não lhe posso ir dizer, que já outras vezes é levei assi embaixadas, cuidando que acertava, e ele tornou-me má reposta. E sucedendo depois as cousas como ambos desejávamos, me tornava deitar em rosto, como que a minha boa atenção ficasse pelo acontecimento culpada.» «Hora pois determine-o a justa,» disse Lamentor olhando já para as andas. E tirando então de um tiracolo o escudeiro tocou a corneta; e dai a pouco, deixou-se sair dum espesso arvoredado, que além da ponte estava, um cavaleiro bem armado a cavalo. Vindo-se direito para a ponte, ali houveram ambos a justa; em que meu pai contava muitas cousas de grande esforço e valentia que vos eu não contarei; porque ainda que as mulheres folguem muito d'ouvir cavalarias, não lhes está bem contarem-nas, nem elas parecem na sua boca como na dos homens que as fazem. Mas com tudo dissera-vo-las, se me lembraram [inteiramente]; porém, não

me lembram, senão que contava meu pai que romperam três lanças, e à quarta caiu o cavaleiro da ponte, e com a queda grande do encontro, que também foi grande, ficara sem se poder levantar um pouco. Apeou-se Lamentor rijo e quando chegou, achou-o sem fala, e descobrindo-o, é pareceu como mortal; mas dai um pedaço acordou todo mudado na cor, e levantando os olhos para Lamentor, que sobre ele estava, com um suspiro, «Ai cavaleiro, prouvera a Deus,» é disse, «que vos não vira, nunca, ou que, ao menos, vos não tornara mais a ver.» Lamentor ouviu dele do, maiormente de as lágrimas que é viu, e tomando-o por o braço, o ajudou a erguer, dizendo-lhe: «Do amor, senhor cavaleiro, vos podeis queixar com razão; que assi como vos ele a vos fez guardar este passo, me fez a mim fazer-vos este nojo, de velo ter feito me pesa como homem, que, a fazer-vo-lo, foi como namorado. Noutra ala cousa de vosso contentamento vo-lo emendarei, quando mandardes.» O cavaleiro da ponte, que o viu assi mensurado, bem é pareceu razão de lh'agradecer aquela vontade; mas tamanha era a dor que tinha no coração, que não pode acabar de forçar a sua. Com tudo, porque era d'alta criação, «O amor demasiado,» e disse como desculpando-se, «não vive em terra de razão; mas eu irei tomar vingança dele noutras, alongadas desta, onde não veja cousa com que os meus olhos descansem; ainda que esta vingança bem me pesa, porque há de ser toda de mi só e de meu cuidado.» E assi se virou logo para outro cabo e deu a andar pelo vale, e como ele com a queda grande que dera, ficasse mal tratado, segundo depois pareceu, se é quebrasse alga cousa de dentro, não foi pelo vale abaixo, muito, que acabando um seu escudeiro de tomar o cavalo, começando a ir após ele, o alcançou perto dali. Achando-o já [lançado] no chão, de bruços, foi para o erguer. Viu que ele era em estado de morte, começou de chorar feramente. Lamentor que o ouviu, deu a correr para lá, e vendo como estava o escudeiro com seu senhor como mortal nos braços, desceu-se prestemente, e foi-se para ele. E vendo-o no derradeiro termo de sua vida, e como esmaiava, «Que é isso, senhor cavaleiro?» é disse Lamentor. «Esforçai! Que este é o passo verdadeiro para que vos tomastes a ordem de cavalaria.» E ele, acordando às palavras, pôs os olhos em Lamentor, estendendo-lhe vagarosamente a mão direita, como em sinal, parece, de paz, com a voz cansada, «Ao esforço, se me pudera valer,» disse, «perdoara eu tudo; pois me falece agora que me a mim compre tanto viver.» E com a força que fez para dizer isto, como homem que tinha alguma dor grande de dentro, foi-se-lhe o fôlego. Cerrando os seus olhos, ficou como passado deste mundo. Mas daí a um pouco tornou-os abrir e fazendo menção com o rosto para aquela banda onde estava o castelo da donzela por quem guardava o passo que todo aquele vale descobria, e levando para lá os olhos, parece, lembrando-lhe que não tinha jamais de oito dias por acabar do prazo que é fora assinado, como cousa que o mais magoava, ainda disse estas derradeiras palavras. «O castelo, quão perto agora dantes estava de vos!» e com isto, deixaram-se os seus olhos cansadamente cerrar para sempre.

Capítulo VI

Em que se diz a razão porque o cavaleiro da ponte sustinha aquele passo, e de como sua irmã ali veio ter.

Chegadas eram já ali as andas com as duas irmãs e toda a outra gente, e vendo como o cavaleiro da ponte, que desarmado já o rosto tinha, era de formosa presença e ainda mancebo, todos ficaram muito tristes de tamanho desastre.

Lamentor que via como o escudeiro estava lançado aos pés de seu senhor, tristemente chorando, havendo dele compaixão (que assi na prática que com ele tivera dantes na ponte, como naquilo é parecia de boa maneira e de criação), foi-se para o consolar, e tirando-o para fora dali donde estava chorando, e disse: «Tem nas cousas proveitosas, temperança é muito louvada. Os choros não aproveitam para nada. Por isso é muito mais necessário neles a temperança, nem se deve ter senão como cousa que se não pode escusar. Vosso senhor faleceu como cavaleiro, e ainda vos digo que todas as pessoas que é bem querem, não devem ser tristes; antes se devem d'alegrar, que foi de tão alto coração, que não pode suportar ser vencido; que sê-lo ou não, está na ventura.» «Desta desventura minha só,» disse o escudeiro chorando, «pois fico, não me pesa tanto como por ser tomada por quem é.» «Os cavaleiros por amores,» tornou Lamentor, desejando saber o que isto era, «tudo é está bem fazerem.» «Em lugar,» respondeu o escudeiro, «que é seja agradecido. Mas meu senhor sobre toda as cousas do mundo queria bem a donzela que não tinha para ele mais armas que a formosura; porque a vontade, segundo ela mostrou, nunca foi dele, mas antes disseram alguns de sua casa que o dia que ela concedeu o prazo, chorou muitas lágrimas, e que nunca o concedera se não fora por seu pai que era tão afeiçoado a meu senhor (e com razão), que acabo de longo tempo alcançou isto de sua filha e ainda à hora de sua morte. Todos se espantaram d'ouvir isto, porque o cavaleiro da ponte era formoso e o fizera na justa grandemente. Lamentor a quem disto pesou muito pelo grande esforço que é na justa conhecera, com manencoria disse: «Consolai-vos, que o amor nunca perdoar desamor. Tarde ou cedo vereis vingança.» O escudeiro chorando e tornando-se a lançar aos pés de seu senhor.

«Senhor cavaleiro,» disse «para a morte não há ai vingança.»

Lamentor o tornou a erguer dizendo que para o chorar haveria tempo, que por então curasse d'entender no que havia de fazer. O escudeiro disse que iria dali à jornada onde estava a fortaleza de seu senhor em que estava a sua irmã viúva a quem [a] ele dera para é comer as rendas, em mentes ele seguia as aventuras e dai viria o conserto para o levarem ao jazigo de seus antepassados que ela muito é queria, e que por então deixasse ai Lamentor um seu escudeiro que o guardasse.

O sol ia já empinado e era tempo de repousar e comer, maiormente quem do mar saíra; e porque não muito longe de aquele lugar e da ponte estava um assento gracioso d'arvoredo e corria por entre ele a água, ordenou Lamentor ir ali jantar, e assi o fez. Depois dizendo ao escudeiro que ele queria ir repousar naquele lugar e que é daria as ondas em que o levasse, e se é mais cumprisse, de boa mente o faria. O escudeiro, tendo-lhe em merce, disse que assi fosse e, começando-se de ordenar tudo, foi assi acaso que a irmão do cavaleiro da ponte, porque sabia que não havia mais de oito dias para acabar o prazo em que seu irmão (a quem ela muito queria) tinha todo seu contentamento posto, determinou de vir ali com grandes consertos o dia dantes como aquela que o devia por amor e por obrigação, e acompanha-lo até o fim, que havia ela por certo que acabaria sua aventura com grande honra pois tanto tempo a mantivera, que não havia já cavaleiro por toda esta parte que por ali não tivesse passado. E acertou então de vir e vendo aquele ajuntamento e as ondas, não soube que dizer, mas logo é deu o coração a volta, e chegando-se rijo, viu o escudeiro que ela bem conhecia, andar chorando. Perguntando-lhe que cousa era aquela, olhou, viu o irmão jazer sobre uns panos ricos que Lamentor é mandara p"r. E apeando-se apressadamente foi correndo para ele, lançando seus toucados em terra começou a ir carpindo crimemente os seus cabelos (que eram longos) para onde o corpo de seu irmão morto jazia, dizendo:

«Para a dor grande não se fizeram leis.» Isto dizia ela, porque era costume mui guardado naquela terra e ficará doutro tempo sob grandes penas proibido, não se por mulher tinha em cabelo senão por seu marido. E chegando a ele, o abraçou muitas vezes e beijou, dizendo: «Irmão meu, que morte foi esta que assi vos levou tão azinha, que vos não pude falar! Que a mim enganada me trouxe do vosso castelo a desventura! Que desconcertos da fortuna! Para verdes outrem tomáveis vos esta empresa. Eu para ver a vos parti de casa. E tudo era para ambos nos não vermos o que desejávamos. Triste de mim, que quando me vos com outro rosto fostes correndo abraçar, dizendo: logo me deu n'alma e deixe-vos: Mas vos, que para isso quisestes este bem, com que não folgáveis de m'ouvir aquilo, me tornastes, Ainda mal muitas vezes porque foi tão grande, mas não me comerá a mim a terra com esta dor, sem fazer a todo meu poder, que custe o largo prazo alguma cousa àquela que tanto custou a vos e a mim.» As duas irmãs que já dantes eram descidas para darem as ondas, se foram para ela e tomando-a entre si começaram-na agasalhar à maneira de a quererem consolar, que a linguagem da terra não na sabiam. E ela com alta voz chorando disse: «Deixai-me, senhoras, chorar que meu irmão não tem outrem que o chore.» Chegou-se Lamentor que andara toda as partidas e sabia a fala e disse: «Os cavaleiros, senhora, que em feitos d'armas acabam como vosso irmão, não devem ser chorados como os outros homens, que eles acham o que buscavam. Vos, senhora, [posto] que muitas causas tendes para ser triste pela perda que perdestes nele, que era o melhor cavaleiro desta terra toda, também tendes muita razão de louvar a Deus por ele ser tal. Deixai o pranto, vede o que mandais que se faça, que pareceria, senhora, escândalo curardes mais de vossa dor, que de vosso irmão, em quanto o tendes diante.» E nisto chamou o escudeiro, que é dissesse como estava dantes já ordenado. E ela ouve o por bem e fez-se assi. Puseram o cavaleiro da ponte sobre as andas envolto em uns ricos panos e a irmã chorando pediu que a metessem com ele. Lamentor a tomou pelo braço, e a donzela pelo outro (que a irmã não podia) e puseram-na dentro. Mas querendo Lamentor soltar os paramentos das andas como cousa de tanto dá, se chegou mais para ela e disse-lhe estas palavras: «Ainda que o tempo, senhora, seja para outra cousa, porque não sei quando vos tornarei a ver, de mim sabe certo que podeis fazer o vosso serviço. O mais sabereis do escudeiro.» E ela não tornou reposta, que ia coberta toda lançada já sobre o rosto de seu irmão, e ele soltou os paramentos, e assi foram-se.

Capítulo VII

Como depois de partida a irmã do cavaleiro da ponte, por aprazer aquele lugar a Lamentor ordenara fazer ali seu assento.

Tristes ficaram todos por aquela desventura, mas Lamentor a que não esquecia que o trazia consigo, limpando os olhos das lágrimas que é aquela partida assi fizera, se veio para onde sua senhora com a irmã estava com estas palavras: «Ora nós podemos, senhora, ir, que na mortalha alheia não temos mais que fazer.» E tomando-a pela mão mandou aos seus para o lugar que dantes é parecia bem, dizendo-lhe o que haviam de fazer eles, entrementes se foram todos três por sobre [a ribeira] deste rio olhando para ele, e falando outras cousas estiveram assi um pouco, porque o mais azinha que ser pudera, foi armada a rica tenda e começaram de comer, que de tudo vinha em grande abundância. Repousaram até bem tarde que

as andas tornaram, e por não serem horas para já caminhar, se deixaram estar assi aquela noite, que a fortuna tinha já ordenado que fosse para sempre. Belisa (que assi se chamava aquela senhora que vinha prenha), em mentes ali estiveram, antes que as andas viessem, adormeceu-se. E acordando um pouco agastada, que viu a Lamentor, lançando-lhe amorosamente os braços pelo pescoço, «Assi, antes.» e disse. Ele viu que sonhara pelo desacordo com que acordara, é perguntou que cousa fora esta. «Sonhava, senhor,» respondeu ela, «que estávamos vós e eu presos por um fio e eu cortava-o, e que vos não via mais.» Lamentor não é pareceu senão que é atravessara aquelas palavras o coração (como na verdade enfim foi). E assi elas, como isto que em si sentiu, o entristeceram grandemente. Adivinhava-lhe, parece, a alma o seu mal, e não p"de tanto dissimular, que o não conhecesse ela e [disse-lhe:] «Que é isso, senhor, que assi vos mudastes com o que vos disse?» Mudando ele o propósito em cousa que também o mudasse a ela por é escusar alga imaginação pelo perigo em que vinha da empreendiam, respondeu-lhe dizendo: «Ei-vou, senhora, de confessar ainda que nisso force minha condição, que nem dizer-te-vou nem cuidá-lo quisera: Ouve merencória, e perdoai-me que de vos não se pode ela haver, mas como os sonhos não venham senão do que homem trás na fantasia, pareceu-me, porque me dissestes que sonháveis que me não víeis mais, que era desconfiades do que vos quero e de mim, sendo vos tão segura por ambas elas ou por cada há.

E ela com a boca cheia de riso que abastava para o desagastar, se ele aquilo cuidara, se chegou para ele dizendo-lhe: «Bem longe viera eu buscar essa desconfiança, perdô-vos que parece que este dia é assi aziago que tantos desastres acontecem nele.» Nisto e noutras cousas passaram aquele dia em quanto ouve Sol o qual com mais nojo se havia de p"r aquele dia do que amanheceu, pelo que ouvireis.

Capitulo VIII

De como a Belisa vieram em crescimento as dores do parto: e parindo uma criança faleceu.

Vindo a noute, repousando já todos, Belisa se começou d'agastar levemente, mas crescendo-lhe a dor cada vez mais, houve de chamar por sua irmã. Acordando ela que perto em a caminha dormia, é contou Belisa de como a dor ia em crescimento. A senhora Aonia (que assi se chamava a [irmã]), acordou as mulheres de casa e a dona Honrada que de parteira sabia muito e para isso a trouxera Lamentor; porque quando já partira, Belisa era prenha e senão fora porque se não podia já encobrir, não na trouxera ele assi a terras estranhas. Mas na mocidade o amor não achou outro melhor remédio que o desterro. Belisa que a Lamentor queria sobre todas as cousas do mundo, disse contra as outras que a ajudassem a tirar do leito em que jazia para a caminha de sua irmã, pelo não acordarem, que estava cansado do caminho e bem é seria mister repousar. Assi foi feito o mais mansamente que p"de. Grande parte da noute passaram em fazer remédios para a dor de Belisa, mas a senhora Aonia que via sua irmã cada vez com mais agastamentos, «Quereis, senhora irmã,» e disse, «que chame ao senhor meu [irmão]?» «Para tomar paixão,» disse ela, «não no chameis vos. Prazera a Deus que se irá esta dor e isto ao menos ganharemos dela. «Assi prazerá a Deus,» falou a dona Honrada d'acola donde estava, «porque me não parece sinal nenhum de

parirdes, senhora, tão cedo. Deve ser isto do caminho ou mudança da terra.» Porém era já encontra a manhã e a dor não amansava nada, antes se e fazia maior. Começavam-lhe de vir uns agastamentos como desmaios ao coração, mas à primeira vez que é isto veio, se suportou ela, e também à outra, mas quando veio à terceira em tamanho crescimento é veio, que se e tolheu a fala um pouco. Tornando ela em si olhou para sua irmã dizendo-lhe: «Já agora me não pesar de o chamarem.» E porque nisto começou-se a sentir melhor, tornou asinha dizendo contra sua irmã que já ia para o chamar, «Mas não no chameis, que parece que me acho melhor.» Um pedaço grande esteve então Belisa desagastada, e porque a rica camisa que tinha vestida, estava mal tratada dos remédios que sobre o coração e punham, encontra as mulheres, disse: «Vistam-me a mim outra camisa, que se morrer não vá sequer assi.» A senhora Aonia se pôs a chorar com estas palavras e olhando para ela Belisa, vieram-lhe também as lágrimas aos olhos, e querendo-lhe dizer alga cousa, a dor não a deixou, porque então começou mais apressadamente que dantes. Aquela dona Honrada que a via mais agastada que nunca, disse que seria bom erguerem-na de todo, e querendo-a sua irmã tomar por um cabo, se virou a ela Belisa dizendo: «Não sei que há de ser isto.» Mas tamanhos foram os agastamentos então e tão apressados, que não houve ai acordo para a erguerem de todo e ficou como assentada; e enfim foi assim a desventura, que em breve espaço a pôs em extremo de morte, que já e ia falecendo a fala; levantando os olhos para sua irmã, e disse como forçadamente, «Chamem-me! Chamem-me!» Foi a senhora Aonia chamar rijo chorando Lamentor que no mais alto sono dormia, dizendo-lhe: «Acordai, senhor, acordai, que vos levam Belisa.» Ergueu-se apressadamente Lamentor levando a mão a um traçado que apar da cabeceira tinha. Mas vendo chorar todas ao redor da cama de Aonia, e Belisa que a tinham erguida até os peitos, meia como passada deste mundo, [abraçando-a,] se chegou para ela dizendo: «Que cousa foi esta, senhora?» E as lágrimas e encheram com estas palavras o rosto seu e dela, e levantou então Belisa cansadamente a [mão com] a manga da camisa [tomada] para é limpar os olhos. Mas não seguindo ela já sua vontade, se é tornou a deixar cair para baixo, e ela pondo então os olhos fitos nele para sentir no mais, e dai os foi cerrando vagarosamente como que é pesava muito de o deixar assi para sempre.

Lamentor que isto não p"de ver, caiu doutro cabo como morto e assi esteve um grande pedaço. Neste mesmo tempo ouviu a dona Honrada chorar a criança na cama, cuidando o que era, atentou e achou a menina nada e chorava muito, e tomando-a então nos braços com os olhos não enxutos disse assi: «Coitadinha de vos, menina, que chorando vossa mãe nascestes! Como vos criarei, vos, filha estrangeira, em terra estranha? Mal vá ao dia que assi saímos do mar, para passarmos toda a tormenta na terra!» Mas como sabia que era, ordenou de a curar, tomando o negócio todo sobre si, que Lamentor e a irmã, bem via que outra mor carga tinham. E assi mandou o que se havia de fazer, e proveu sobre tudo.

Capítulo IX

Do pranto que Aonia fez pela morte de sua irmã Belisa.

A senhora Aonia lembrando-lhe o que vira fazer a dona viúva sobre o corpo do morto irmão, que honesto e devido costume ao tempo de luto parecia então, posto que em sua terra se não usasse, pondo-se sobre o de sua irmã rasgando os

toucados dos seus formosos cabelos que longos eram à maravilha, a cobriu toda e a Lamentor, que bem cuidou que era também morto; que pelo grande bem que queria a sua irmã, leve é foi isto de crer, vendo-o da maneira que via. Depois de muito cansada em alta voz começou estas palavras:

«Triste de mim, donzela de pequeno tempo, desamparada em terra alheia, sem parente, sem ninguém e sem prazer! Como vos, senhora irmã, assi me pudestes deixar, só, tão longe e em tal lugar? Para vos tirar a saudade, me dizíeis vos, que vinha eu quando, e vos para ma dar a mim vínheis. Mal aventurada de mim! Para outras fadas cuidava que me criava a mim minha mãe. Ela foi enganada, e eu, a que ei de pagar o engano? Que sem-razão tamanha, senhor cavaleiro, me é feita perante vos! De quantas donzelas de vos foram já amparadas, eu só estava para o não ser? Coitada de mim, que farei? Onde me irei? E assi se lançava sobre o corpo de sua irmã. Mas ao mentir do cavaleiro que ela fez, ele como por sonhos tornando em si, que viu diante tantas lágrimas e mágoas, ficou sen fala um pouco e vendo logo como se matava toda a senhora Aonia, esforçou-se e moveu-se para ir arredar que tão cruelmente se não matasse, dizendo: «Esforçai, senhora, pois fortuna quis que um tão desconsolado vos consolasse.» Dali foi a erguer, querendo é falar, faleceu-lhe a fala. Ali ouviram ambos triste pranto e entre si se diziam um ao outro palavras de muita mágoa, começadas pela dor, rotas pelo pranto. Era já manhã clara, e acertou-se assi que aquela hora chegava um cavaleiro à ponte. Vinha de longes terras buscar aquela aventura por mandado de a senhora que é queria bem a ele, mas ele devia-lhe mais do que é queria. Não achando ninguém na ponte, e ouvindo perto dali tamanho pranto, pareceu-lhe algum mistério e cousa alguma de grande dor, e deu a andar para encontrar onde era. Vendo a rica tenda e ouvindo muita gente dentro e fora chorando, perguntou a um servidor que topou, que cousa era aquela. Ele lhe contou. Apeando-se então, ele mandou primeiro diante um escudeiro de Lamentor, e mensuradamente entrou após ele. E entrando viu a senhora Aonia que em grande extremo era formosa, soltos os seus louros cabelos, que toda a cobriam, e parte deles molhados em lágrimas que o seu rosto por algumas partes descobriam. Foi logo traspassado do amor dela sem haver quem, por parte doutrem, fizesse defesa alguma, e, como o amor viesse justamente com a piedade, parecia que vinha ela só. Mas entrando, que se descobriu, eram já conhecidas tantas razões por parte da senhora Aonia, que não tão somente é esqueceu a outra, mas não e lembrou mais, senão para é apesar do tempo que gastara em seu serviço. Desta maneira foi ele preso do amor da senhora Aonia, e depois se viu morrer por ela, que este foi um dos dous amigos de quem é a nossa história: e por isso só ia meu pai dizer que tornara o amor deste cavaleiro a morrer na paixão onde se levantara. Mas para isto seu tempo vir .

Capitulo X

De como Narbindel vindo-se combater com o cavaleiro da ponte vendo o pranto que se fazia na tenda de Lamentor entrou dentro ao consolar.

Dito era já a Lamentor de como o cavaleiro entrara, mas ele não o viu, senão quando já o achou apar de si, dizendo-lhe palavras de consolação.

Lamentor as recebeu dele o melhor que p"de, mais por é não dar causa de se deter muito, que por estar para isso. Mas depois d'estarem um pouco, vendo Lamentor de como ele não fazia menção de se ir, forçadamente é disse: «Senhor

cavaleiro, a vossa visitação vos tenho em merce. Praza a Deus que noutra, mais alegre, vo-la pague! Nós vimos de caminho, e, como sabeis, as pousadas não são mores do que vedes. Não há ai outra casa para a tristeza e para nós, senão esta. Deveis vos, senhor, ir para onde ias; e não tomareis ao menos parte de tanto nojo; porque as mágoas alheias também doem a quem as vê. Perdoai-me, que não tenho agora outra cousa em que vos sirva a vossa boa vontade.»

O cavaleiro, passando os olhos pela senhora Aonia, «Eu não tenho para onde ir daqui», e disse, e parece que lembrando-lhe que havia de deixar o coração, caíram-lhe as raras lágrimas pelos peitos. Mas, como ele visse que ali não tinha mais que aquela tenda e outra pequena, bem é pareceu que não podia caber ali naquele tempo gente estrangeira, ainda que ele no seu coração já o não era. E erguendo-se então, seguiu sua fala, dizendo: «Deste vosso nojo, senhor, não me pode a mi caber pequena parte, por onde quer que vá. De boa mente vo-lo ajudaria a passar. Mas em fim, vos, senhor, cavaleiro sois; e mais, pois vindes de longas terras (como soube de um vosso criado), não deve ser este o primeiro que haja visto, porque, nas suas mesmas terras, os que nunca se mudaram delas, não se podem escusar de ver nojos cada dia e cada ora do dia». E dizendo-lhe mais que visse o que [lhe] mandava, se despediu dele, com os olhos postos na senhora Aonia, e assi foi um pouco, que a tenda não é deu mais lugar. Mas, quando se houve de virar de todo, com muita dor sua os arrancou dali. Assi se saio da tenda, e assi o deixaremos para seu tempo.

Capitulo XI

De como se deu sepultura ao corpo da Belisa: e do pranto que com ele fez Lamentor.

Lamentor se tornou a seu pranto, que muita causa tinha para ele. Mas estando ele e a irmã assi por grande espaço de tempo, que ia já o Sol encontra o meio dia a dona Honrada (que Ama se chamou depois pela criação da menina), como era já de dias, era de muito saber; e chegando-se para onde ambos estavam no seu pranto, «Senhores» começou dizer, «muito tempo vos ficar, que a desventura me parece que é nesta terra, como na nossa. Deixai as lágrimas, que não é agora tempo, senhor, para vos não parecerdes cavaleiro, nem vos senhora, para parecerdes tanto mulher.

Lembre-vos que a tristeza é de todos, que tamanho mal foi o nosso que não tão somente o havemos de ter, mas ainda nos havemos de consolar uns com os outros. E pois temos a dor para sempre, doamo-nos sequer de nos, que ficamos vivos. A sepultura é devida, aos mortos hão-se de fazer as cousas necessárias. Olhai que este é o derradeiro dom da vida. Termos o corpo da senhora Belisa mais sobre a terra, parecer fazermo-lhe força no mais pouco de sua partida. E pela ventura se deve ela d'anojar negarmos-lhe o seu, quando nos não há de pedir nunca mais outra cousa.» Acabadas estas palavras que não foram ditas sem lágrimas e muita dor de todos, tomou ela a senhora Aonia como sobraçada, e levou-a para a tenda pequena que pegada naquela estava. E depois tornou por Lamentor, e também o ajudou a ir para lá. Depois entendeu em consertar o necessário. Mas Lamentor não quis que levassem o corpo de Belisa para outra parte, antes mandou que ali onde falecera, fosse sua sepultura; porque logo assentara em sua vontade de nunca mais em quanto vivesse, se mudar daquele lugar, e assim foi.

Porque nos reinos donde eles vinham se costumava, antes que mandassem os corpos mortos à terra, virem todos os parentes mais chegados beijá-los nas faces, os familiares nos pés, os parentes mais chegados por derradeiro do todos. Parece que faziam aquilo como saudação, para que aquela transmutação fosse como em boa hora.

Como tudo foi acabado, a Ama veio chamar Lamentor e a senhora Aonia.

Foram eles. Mas a senhora Aonia foi rijo lançar-se sobre as faces de sua irmã e beijando-a levantou a voz, dizendo: «Noutra terra muitas tivéreis vos que fizeram isto mais que nesta.» Aqui começou rasgar o seu formoso rosto, e todos levantaram um triste pranto à maravilha, cada um lembrava sua dor, e assi a iam beijar nos pés. Lamentor, a quem mais doía aonde inda nunca outra cousa é doera, depois de muitos suspiros arrancados d'alma, olhando para o que havia de fazer pelo costume, desta maneira disse: «Ai, senhora Belisa, como vos hei de saudar eu? Por mim deixastes vossa terra, por mim vossa mãe! Quem vos p"de apartar de mi em terras estranhas para me fazerdes tão triste? Não me quereis vos a mim tamanho bem? Mas alga grande desventura me houve inveja, cá o que me vos fazíeis para eu ser o mais ledo cavaleiro do mundo, para eu ser o mais anojado o fazia ela. Mal-aventurado cavaleiro, que para vos, senhora, estava ordenado há sepultura em terra alheia, e para minha vida, duas. Mas a vossa, terra o corpo e as minhas, o corpo e alma. Não fora mais rijo, senhora, o fio que nós a nos tinha a ambos? Como o cortastes vos sem mim? Não vos lembrou que era eu o que sem vos não havia de ser mais? Pedistes, me deixaram, que vos levassem d'apar de mi, por me não tirardes do repouso, e outro estava mo tirando a furto de vos. Não abastou à minha desventura haver de ser o mais triste do mundo, mas ainda a maneira, de como me veio, a havia de ser também? Não me chamaram senão para vos não ver, e ainda então vos doestes de mi, quiséreis me limpar as lágrimas e a minha desventura. Queria falecer-vos a mão, com que vos deixava, sendo já senhora da vontade, e com os olhos derradeiros postos em mim me fostes mostrando que com a alma se ia derradeiramente também a vontade. Mais devidos eram os meus anos a esse vosso caminho, mas mais o era eu às tristezas. E pois fico para elas, melhor é ficar sem vos.» E com isto cumpriu o costume. Mas a Ama que via não haver ai outrem sobre quem cargasse o cuidado das honras derradeiras senão a ela, [arrendando a Lamentor] e à senhora Aonia, tomou a rica toalha nas mãos, e lançando-a sobre o rosto de Belisa, «Agora já mais», disse, «vos compre olhar para o chão onde ela bem aventuradamente está; que isto é terra. Quem a amar, pois já ela a deixou, parece que errar ao bem que é quiser.» Palavras eram estas de muita consolação, se soubera a dor presente consolar-se. Mas assi o enterraram. Deixemos aqui as cousas de Lamentor, que foram muitas e estremadas que ele fez, pelo muito que a Belisa queria, porque, como este conto seja dos dous amigos, agravo se é fará grande, ao muito que deles há para dizer, gastar-se em outrem parte alga do tempo.

Capítulo XII

Do que sucedeu ao cavaleiro que saiu da tenda vencido do parecer e formosura da Senhora Aonia.

E torno-vos ao cavaleiro que saiu da tenda tão triste, que não p"de alongar-se muito dali, e apeando-se, assentou-se ao pé dum freixo que acerca

daquele ribeiro e da ponte estava; e por cuidar mais à sua vontade, mandou ao seu escudeiro arredado dali, que desse de comer ao seu cavalo ribeira daquele rio; que logo se temeu de o ele ver assi, e cair en alguma suspeita que fosse contar a Aquelisia (que era aquela por quem viera ali, como ouvistes), porque muito é eram todos os seus afeiçoados; que como ela quisesse a ele grande bem, a eles não se podia ter que lhe não mostrasse todo nas obras; donde nascia irem-lhe a ela com tudo o que ele passava, e assi o que ela fazia por bem é saía às vezes por mal, que para tamanho bem é ela queria, não podia deixar d'ouvir pelo tempo cousas que a magoassem; nem também ele não nas podia deixar de fazer, pelo pouco que é queria, como de feito assi por derradeiro é foi causa a ela de triste fim.

Mas assentado o cavaleiro ao pé do freixo esteve por longo espaço revolvendo muitas [cousas] na fantasia; que, quando se lembrava do que Aquelisia é queria, parecia-lhe sem-razão deixá-la; por outra parte, depois lembrando-lhe de quão bem é parecera Aonia, parecia desamor não é querer bem. Tinham-no assi antr'ambas formosura e obrigação, a ver quem o levaria; mas por derradeiro p"de mais a de mais perto. Soía a dizer meu pai que fora vencida a obrigação, como cousa que é não vinha de direito o pago no amor, e vencera a formosura, como quem de só uma ver se pagava.

Capitulo XIII

Em que se diz quem fosse Cruelcia e do que o cavaleiro passou com seu escudeiro.

Era Aquelisia, há das duas filhas a que sua mãe só mais que assi queria, de boa formosura, mas obrigou tanto a este cavaleiro com cousas que fez por ele, que o individou todo nas obras. Não é deixou nada tão sois para que é devesse a formosura. Parece que é queria tamanho bem, que não sofreu a tardança de o ir obrigando pouco a pouco: deu-se-lhe logo toda. Obrigou-o assi, mas não no namorou. Coitadas das donzelas que, porque vem que as namoram os homens com obras, cuidam que assi também se devem eles namorar. E é muito pelo contrário, que aos homens namoram-nos [os desdêns presuntuoso]: após a brandura d'olhos, aspereza muita d'obras. Isto de seu natural é deve vir serem tão rijos, que parece não terem em muito senão no que trabalham muito. Nos outras, brandas de nosso nascimento, fazemos outra cousa; porém, se eles conosco entrassem a juizo, que razão mostrariam por si? Cá o amor, que lhe, se não vontade? Ela não se dá nem toma por força, mas, como seja, ou pela desventura das mulheres ou ventura dos homens sentença é dada encontra: que a eles prendem-nos esquivanças, e boas obras a elas.

E esta só maneira poderem ter para os namorarem senão forem namoradas deles. Mas ao amor, quem é pela lei? Porém este desagradecimento, que é o seu nome verdadeiro, trouxe muitos a desaventurados fins como vereis neste cavaleiro em que falamos. E não foram vãos os rogos que Aquelisia fez, com as mãos erguidas aos céus pedindo dele [vingança].

Com tudo assentou ele por derradeiro de a deixar; porque além [dê-lhe] parecer a senhora Aonia a mais formosa cousa que vira, pareceu-lhe também que por vir de longes terras, e ser naquela estrangeira, que mais azinha haveria o seu amor. Esta esperança, ainda que bem visse ele que era de longe, com tudo grande ainda foi então para acabar de confirmar, ou de fazer muito grande o bem que é queria, porque isto vai, como quando algum amparo tolhe o Sol: se o toma em cheio,

é muito maior assombra que o amparo que a faz. Assi os que bem querem, por quanto as esperanças, por pequenas que elas sejam, se tomam sempre em cheio, ou parece que tomam, os estorvos que tolhem a cousa bem quista, fazem o amor muito maior do que elas são, donde vem depois nascer os cuidados que com a morte ou longa tristeza se possuem, como foi neste cavaleiro que já não cuidava senão como se apartaria de seu escudeiro, de maneira que, depois d'apartado, é não causasse suspeita alguma daquele lugar, para ele mais à sua vontade gozar dele. E desejava tanto este apartamento, porque sabia ele que havia de sofrer mal ver-lhe deixar Aquelisia; que era da criação dela e lhe dera para o acompanhar, e nunca é ali ele dizia senão que a devia tomar em matrimônio, porque era d'alto sangue, e herdava terras onde ele podia repousar os derradeiros dias de sua vida que não deixam tomar armas com honra. Mas em fim cuidando o que determinou chamou-o, e fazendo-lhe um razoamento largo, entre outras cousas é disse que é não parecia bem ser ele mesmo o que levasse à senhora Aquelisia a nova d'aventura que não achara vindo por amor dela; mas que seria bem levar-lha ele, e disse-lhe que de sua mofina quisera ele mesmo que outrem fosse o portador; que para ela não podia ele ir em companhia de novas tristes; e que o esperaria no castelo que perto dali estava, tornar-lhe a trazer recado se queria ela p"lo noutra aventura, pois aquela assi se não pudera acabar.

Capitulo XIV

De como partido o escudeiro do cavaleiro da tenda entrou em pensamentos de como se apartaria dele e mudaria o nome.

Partindo-se o escudeiro com o recado, enganado ele [e] para de quem o levava, ficou o cavaleiro só, e começou a entrar em pensamentos de como mudaria o nome para que não fosse sabido onde estava, nem se pudesse saber para onde ia; que tanto se ensenhoreou naquele pouco tempo o amor dele, que a si mesmo queria já em parte deixar. Mas lembrando-lhe nisto que noutra tempo é dissera um adivinhador que, quando ele mudasse a vida e o nome, seria para sempre triste, ficou um pouco mais cuidadoso; mas tornando logo fazer menos conta daquelas cousas como incertas, e com tudo não querendo ir de todo contra elas por outras muitas que tinha ouvidas, cuidou de trocar as letras do seu nome, de maneira que assi não o mudaria nem atentaria os fados. Mas ele não viu que isto era engano também dos fados. Ele estando assi neste pensamento, acertou-se acaso que um mateiro vinha do mato pelo caminho que ia ter à ponte, e vinha em cima da besta como deitado, mal coberto com um ensalmo. Parece que andando ele despido cortando a lenha, ateara-se-lhe algum fogo por todo o seu vestido e queimara-lhe; então ele, por é querer acudir, descuidara de si, e o fogo fizera-lhe algum nojo por partes de seu corpo. E direito do cavaleiro topou com outro mateiro que para o mato ia, que é perguntou vendo-o vir assi sem lenha, que para que fora ao mato. Respondendo-lhe o mateiro queimado, falando-lhe galego estas só palavras: «Bimarder».

Olhou o cavaleiro pelo barbarismo das letras mudadas na pronunção do, b, por, v, e pareceu-lhe mistério; porque ele também naquele se fora arder, e quis se chamar assi dai avante.

Capítulo XV

De como Bimarder soube de um servidor de Lamentor como ordenava fazer ali uns paços: e do mais que é apareceu.

Não passou muito tempo, que por aquele lugar não veio um dos servidores de Lamentor, que atravessava para o castelo. Quando Bimarder soube dele, como Lamentor tinha ordenado fazer ali uns passos grandes e morar neles toda sua vida, algum repouso deu mais este a Bimarder, que dantes a pouca certeza que tinha da estada de Aonia naquela terra, e dava grande fadiga ao pensamento. Mas afrouxando da parte deste cuidado, entrou noutro do que faria de si, e para donde se iria; no que esteve até bem noite sem poder assentar nada com sigio; que ir-se dali para outra parte é era já grave, ficar parecia-lhe impossível cousa, para se poder esconder do seu escudeiro. Combatido assi de a e outra cousa, ainda porém sem determinação detinha, ergueu-se como forçado da noite mais que da vontade. Buscando seu cavalo onde o deixara o seu escudeiro, não o achou. Tornando-se então para o freixo onde dantes estivera, para dali olhar se fora beber ao rio, mas não o vendo nem sentindo em nenhum cabo, encostou-se assi então ao freixo, cuidando, à primeira, no cavalo. Mas não tardou muito que logo não tornasse a seu verdadeiro cuidar, imaginando, parece, na senhora Aonia na fantasia, afigurando-a nela da maneira que a vira. E de piedade amorosa estavam caindo as lágrimas pelos olhos. Estando ele assi todo ocupado daquela doce tristeza, sentiu como alguém apar de si. E olhando (com o luar que então fazia) viu a sombra de homem desproporcionado do nosso costume, estar perto dele. A súbita novidade o comoveu a alteração, mas como esforçado que era, lançando mão a sua espada, cobrou ousadia de é perguntar quem era; e vendo que contudo se calava, pôs-se em jeito para ela, com a espada já arrancada, dizendo: «Ou me dirás quem és, ou o saberei eu». «Está que do, Bimarder» (chamando-o assi por seu nome), é disse a sombra, «que ainda agora foste vencido de há donzela chorando». Deteve Bimarder o passo, espantado daquilo que ainda até então cuidava ele que o não sabia ninguém. Mas tornando logo a querer-lhe perguntar donde o sabia, olhou e viu que aquela sombra, virando-se para as moitas grandes que lhe cerca estavam, se metia indo por entre elas, e assi desapareceu.

Capítulo XVI

De como estando Bimarder muito cuidadoso no que faria, viu de súbito vir o seu cavalo fugindo d'uns lobos que o queriam matar.

Ficando Bimarder com o pensamento cheio do que aquilo seria, começou d'ouvir um estrondo grande que vinha pelo mato de encontra onde ele estava. E ainda bem o não ouvia, quando, correndo perante si, viu passar o seu cavalo, e uns lobos após ele; e após os lobos de longe vinham correndo uns cães com grande matizada, [e ao] saltar deste ribeiro caiu nele o cavalo; chegando os lobos que começavam a feri-lo por todas partes de maneira que, com quão prestemente Bimarder acudiu, já ele era meu morto. Não tardou nada que uns pastores que perto dali tinham a malhada do seu gado, [a filhar os cães] vieram ali ter. Assegurando-se-lhe ser morta alguma rés, e achando Bimarder assi agastado, começaram-no a querer consolar com palavras e modos rústicos, [oferecendo-lhe] pousada. Por

aquela noite aceitou-a ele, ainda que não desejava então companhia; mas pelas horas o fez, e também porque logo cuidou que como os pastores fossem no seu fato, não é haviam mais de tolher o tempo ao cuidado, que para eles não se fizera a noite senão para dormir. Foram assi a um fato de a grande manada de vacas que todas estavam levantadas com o alvoroço dos cães e medo dos lobos, metendo-se os pastores, e Bimarder atrás deles, por entre elas, que é iam fazendo lugar escornando as outras. E assi saindo, estava a fogueira grande apar de a choupana de sebes cortiçada por cima. E junto doutra choupana ao fogo jazia deitado sobre rama verde espalhada um pastor já todo branco que maioral era do fato; e tinha a sua cabeça sobre um tronco de madeira encostada, e uns rafeiros cachorros pequenos lançados parte por cima do velho pastor, outros com as cabeças grandes estendidas sobre ele. E em os pastores chegando, ergueu ele a cabeça um pouco, e como homem que era visado em semelhantes casos, descansadamente começou a perguntar pelo que passaram. Contando-lhe eles que não era minha rés morta, é contaram também do cavaleiro que traziam. Ergueu-se ele então assentado, e [fazendo-lhe] lugar na sua rama, e rogou que se fosse assentar. E assentado Bimarder e assentados todos derredor daquela fogueira, pediu o velho maioral a Bimarder que é contasse como aquele desastre é acontecera. Contou-lhe ele brevemente, pelo satisfazer, como, andando o seu cavalo pascendo, vieram aqueles lobos e mataram-no, primeiro que é ele pudesse valer. Ao que começou com a fala retumbada a falar o velho pastor, como que o queria consolar naquela mofina, dizendo: «Os desastres que acontecem com as alimárias feras neste vale, é cousa espantosa, e para quem as souber, mais leves de sofrer, se a companhia nisto é consolação. Que a meia noite do inverno escura, sendo eu mais mancebo que agora, diante os meus olhos me tomaram a vaca bragada, mãe destoutras bragadas que tenho eu ainda agora, e mais mataram. Pois tinha então apar de mim o rafeiro malhado, e a rafeira branca sua mãe, armados os pescoços ambos, que nunca me achei com eles em lugar tão ermo nem noite tão escura, que não estivesse seguro como na metade do dia. Mas então pouco aproveitaram eles a mim, que bradava a coitada da vaca que bramia tão doridamente, que em breve espaço [ajuntou] quanto gado em aquela razão tinha, que estava lá e bom pedaço dali. Já aqui onde agora estou, me vieram matar no claro dia quantos bezerros tinham, que ainda não eram para andar com as mães». «Pois porque estas logo aqui, pastor honrado?» e disse Bimarder. «Nunca vistes al?» e respondeu o pastor. «Não há o haver senão donde há o perder. A terra é abastada de pastos, assi como cria o bom, cria o mau. Eu já ouvi dizer a um grande homem que era dado às cousas do outro mundo, falando na povoação desta terra que, ainda que a vedes assi por partes metida a mato, é de pastores em muita maneira [povoada], que esta era a das maravilhas da natureza: de a terra mesma nascerem duas, tão contrárias a da outra. E que isto não era só nas alimárias, mas nos homens; cá não há os maus senão onde há os bons, e não há ladrões senão onde há que furtar. Mas quant'eu, não sei qual é pior para nos outros pastores: na terra que é de pouca ervagem [perece-nos] o gado à fome, e quando nestoutra, matam-no. Assi que en toda parte nos vai mal. Mas nos outros somos, enfim, como dizem que são todos os outros homens. Lá vos, senhor cavaleiro, o sabereis: podemos melhor sofrer o mal que nos faz outrem, que o que nos outros fazemos a nos outros mesmos. Os danos da terra fraca, porque é em nosso poder sairmo-nos dela, não nos podemos sofrer, os da dura, porque não é em nos outros vedarmo-los, [só um pouco sono, acordou ele todo banhado em lágrimas que chorara, sonhando que o [levava] dali por força a sombra que vira dantes. E correndo-lhe por isto muitas cousas pelo pensamento, assentou consigo de se não ir

daquela terra, te ver o que podia ser dele, naquele cuidado que o assi tomara e assi o seguia. Desta maneira cuidava ele que iria contra aquilo que por ventura é adivinhava o sonho, se o fizesse. Tamanho desejo tinha de se não ir nunca dali, que tudo e parecia que lhe amostrava, e de muitas maneiras que cuidou, nesta assentou por derrador: despedir-se cedo daquele velho maioral, e ir-se a algum lugar perto dali onde mudasse os trajas, e tornar-se acertar vivenda com ele, que grande fato é parecia que trazia; que, ainda que muitos mancebos é viessem, a pouquidade da soldada faria que é não fosse sobejo qualquer pastor. E assi o fez.

Capitulo XVII

De como Bimarder assentou vivenda com o maioral do gado: e do que a donzela passou com a dona em sua história.

Eis Bimarder pastor de vacas, que nada ouve ai impossível ao amor grande. Muito tempo passou ele naquela vida, com maus dias e piores noites, porque Lamentor no começo logo de seu assentamento, mandou fazer primeiro as casas para recolhimento, no mais, e a muita gente que era vinda para as obras, pela negociação grande que tinha a casa e grande pressa que Lamentor dava a eles, tolhia a saída às mulheres, por onde Aonia não pareceu um grande tempo, para Bimarder [aldeemos] levar aquele contentamento que a vista dos olhos dá àqueles que de mais carecem. Conheciam-no porém já todos os de casa chamavam-lhe o pastor da flauta, porque ele acostumava trazê-la sempre, que para remédio de sua dor a escolhera, depois de se desconhecer. Também assi muitas vezes, horas pelas [ribeiras] deste rio, outras horas por aquelas altas [assomadas] (que fazem, [como] vedes, mais gracioso este vale), andava tangendo em palavras pastoris, que este só contentamento e era algum conforto no seu mal, para desabafar o coração que tão ocupado de profundos pensamentos trazia. Muitas cousas sabia meu pai suas que arremedavam a pastor e tinham cousas d'alto engenho, ou mais verdadeiramente d'alta dor, postas e semeadas tão docemente por outras palavras rústicas, que a quem o bem olhasse ligeiramente entenderia como foram feitas. E tinha mais outra cousa, a meu fraco júizo e parecer, que o bom posto naquela baixeza d'estilo pela impressão da presunção que punha, comoveu mais azinha à compaixão. Tanto pode a imaginação em todas as cousas. Mas de todas a só me lembra que dizia meu pai que ele cantara, e ouvira-lhe a Ama da menina. Por certo que parece que assi o ordenou a ventura para que Aonia fosse sabedora de seu cuidado, já quando de todo ele andava desesperado e, não se podendo dali apartar, ordenava andando desvariadas cousas de si, que desvariadamente o atormentavam. Também porque en tudo fosse como cumpria à desventura que estava ordenada, aconteceu que a velha Ama era natural desta terra, e noutro tempo, quando moça, aparece um mercador muito rico e gentil homem que viera daquelas partes donde Lamentor vinha, por azos da vizinhança houvera o seu amor; e com dadas grandes e promessas maiores a levaram de sua terra, de casa de seu pai, que a tinha muito estimada e guardada, mais ainda do que a seu estado convinha, mas tudo pela formosura dela era bem empregado. Era ensinada a livros de histórias pelo que era entonces já sabedora, e depois quando velha foi muito mais. E dizem que chegados ambos à terra do mercador, por grandes desaventuras o veio ela a perder, ainda quando moça e formosa. Mas ficando assi em terras estranhas, e movida de compaixão, a mãe de Belisa a recolheu para sua casa donde ainda é estava

guardado este outro desterro para sua terra. E de como a levou ele, e como o ela perdeu, se conta um grande conto. Deixar-lo-ei agora porque tenho outro caminho tomado; ainda que já entre os homens todos os caminhos vão ter a contos de mulheres. Mas pois morais nesta terra, outra hora nos veremos, e contar-vo-lo-ei então, se pela ventura vos fica desejo de [ouvi-lo]." "Ainda, senhora," (me não pude eu ter que é não dissesse) "que eu tinha já posto em minha vontade de nunca ter desejo nenhum, este quero eu ter, que tanto podem as cousas vossas comigo; e mais, pois é conto de mulheres, não pode deixar de ser triste. E desta maneira também em parte não irei contra meu propósito; porque desejando d'ouvir tristezas, não se pode verdadeiramente chamar desejo, que só desejo deve ser aquilo com que se haja de folgar. E se também acontecer o contrário, será porque também o desejo se poderá enganar muitas vezes, como todo os outros sentidos." "Nos outras, as tristes," (me tornou então ela) "chamaremos logo a este desejo nojo; porque não se deve espantar ninguém ver mudadas as palavras ou o entendimento delas nas pessoas em que se mudaram também muitas outras cousas que não dissera ninguém que se podiam mudar. E também, filha senhora, ainda que me vejais assi, já em idade que as tristezas passadas não deviam ser-me causa de mais que d'haver tudo por nada, julgar o presente pelo passado, e enfim, estimá-lo assi; com tudo, tamanhas foram as cousas que me fizeram triste, que o sofrimento delas em longo tempo não me fez senti-las menos. Cuidando nisto muitas vezes, digo eu que não pude ser senão que, quando a fortuna determinou anojá-me, foi, para que a vida não sobejasse à dor.

[Compassou-as, parece], ambas assi que não fosse amor que outra, e vou entender nisto que não se acrescenta mais minha dor que o tempo com a vida. E perdoai-me ir-vos assim saltar e falar em mim, tendo ainda por cumprir o que vos prometi, que a sua dor trás cada . Assi são também nos meus feitos: indo para fazer a cousa, faço outra. E a mim muitas vezes me são eu mesma vergonha."

"Não podeis vos, senhora," (lhe respondi) "fazer cousa ante mim que haja mister perdão de mim; antes, quanto mais vossas cousas olho, me vai parecendo que não viestes aqui senão para vos eu ouvir; que até agora só ia-me eu andar espantando de mim comigo, como podia durar tanto a dor depois d'acabada a causa dela, e como a não gastava o tempo, como as outras cousas todas que nela há. E porque eu não via isto na minha mágoa, tornava dando a culpa disto a outrem, e porque pela ventura me era forçado tornar a dar a mim maior pena, ou que digo eu, pela ventura?" E aqui indo eu para dizer outra cousa mais, se me pôs diante o pouco conhecimento dentre nos ambas, e calei-me assi, como me não quisera calar. E ela docemente, e dissimulando pela ventura segundo no fim de sua fala pareceu, se ergueu dizendo: "Das culpas que alguém a quem bem quer, sempre e ficam as penas delas, e trás razão, que não vos quereria eu a vos bem se vos eu o pior desse: mas antes me espanto ainda de, quem quer bem, como pode culpar a quem o quer; senão que torno a dizer eu, que podem fazer isto pela pena que lhes fica; que a ela tomam eles por vingança da força que se fazem nisto a si mesmos. Também, senhora, fui moça como vos, culpei já alguém contra minha vontade. Causa de grandes nojos me fui muitas vezes, não me poder eu escusar a mim mesma só de culpar outrem, foram desvairios d'amor. Há isto nele como a outras sem razões infundas sofridas como ele quis, que este nosso sofrimento das cousas, pois também cousas que não se sofrem senão pela ventura". E nesta palavra tirou os olhos de mim, como que queria dizer que não o entendera, pois lhe eu queria encobrir. E a mim me pareceu mau ensino a senhora, dona e triste, que me tanto dava de si, negar-lhe parte de minhas tristezas, pois já dantes lhes quisera sanificar,

disse entonces: "Cuidai de mim, senhora, o que quiserdes; que assi me parece que sois anojada, que esta maneira é melhor que todas para saberdes toda a verdade de minha vida, ainda que toda é longa querela".

"Fazeis bem (me tornou ela), "que essa maneira é também melhor para vê-la eu ousar de perguntar, que tão afeiçoada vos só já, que pois há de ser tão triste não a quero antes ouvir. Por isso tornemos ao conto. Ele acabado, farão de nós nossas tristezas sua vontade, que também se desejam contadas como os prazeres. Mas o conto foi assi:

Capitulo XVIII

Em como a ama da razão à donzela da cantiga de Bimarder.

Deixe-vos, se vos lembra, que a só cantiga m'acordava, que dizia meu pai que ouvira a Ama. Por certo ouviu-lhe desta maneira: Começava a cair a calma, e havia pedaço que estava o pastor da flauta assentado à beira deste ribeiro, sobre um torrão, olhando para a outra parte contrária donde a Ama acertou também acaso de vir. Estava tangendo mansozinho a flauta, como entre si. E estando ele nisto, eis se deixa vir um rebanho de vacas correndo apressadas da mosca. E passando por ele, se foram meter n'água até os peitos; deixando ele então de tanger, ficou como cuidadoso um pouco, e porém sem tirar a flauta donde a dantes tinha, como transportado. Olhou para isto a Ama, e quisera-lhe dizer que tangesse, que bem é parecera dantes. Mas estando para o dizer, começou de tocar a flauta docemente e de maneira que fez detenta a Ama. Parecendo-lhe cousa triste e mais que de pastor, deu-se toda a ouvi-lo, senão quando ele, depois de um pedaço grande, soltando a flauta, começou assi. Para tudo houve remédio, para mim só não houve ai inda mal que o soube assi.

Fogem as vacas para a água porque a mosca as vai seguir eu só, triste em
minha mágoa, não tenho onde fugir.

Daqui me não posso eu ir, estar não me cumpre aqui, e o que eu quero não
no ai.

Em mentes a calma dura, tem esta fadiga o gado, a manhã pasce em
verdura, a tarde em seco prado.

Dorme a noute sem cuidado; que tudo achou para si.

Descanso eu só o perdi.

A mim, nem quando o sol sai, nem depois que se vai p"r, nem quando a
calma mor cai, não me deixa minha dor.

Dor e outra cousa mor, convosco hoje amanheci, convosco ontem anoiteci.
Crendo que assi acabaria, dei-me todo ao que padeço, um dia leva outro dia,
por um mal outro conheço.

Se o fim responde ao começo, ai quão mal que me provi, que no começo o
fim vi!

Se nasci por meu mal ver, e não por vê-lo acabado, melhor fora não nascer
que ver-me desesperado.

E pois que este meu cuidado me trás tão cego após si, inda mal que o soube
assim!

Entre lágrimas e pranto nasceu o meu pensamento, cresceu, em tão pouco,
tanto, que é mais alto que o tormento.

Pois não é cousa de vento, mal faz quem me esquece assi, que, após mim,
não há outro mim.
Vai-se tanto prolongando o fim do que espero, que a vida me vai gastando,
pois já dela desespero.
Fortuna me vai guiando [contrária] sempre de si, não sei para que nasci.

Capítulo XIX

De como conta a ama à senhora Aonia o que vira fazer ao pastor acabada a antiga.

E em dizendo este derradeiro verso, parece que não p"de ele ter as lágrimas, e em o mal acabando, calou-se como estorvado delas; e entendeu a Ama pelo soltar da flauta e o tomar d'aba para limpar-se, a tamanha compaixão a comoveu, que não p"de também ter as suas, lá onde estava, e sempre e falara, se não fora que vinham chamá-la já de casa. Foi forçado levantar-se, levantou-se ela e foi-se, ocupada toda a fantasia daquele pastor que algum mistério grande é pareceu.

E como o que está ordenado de ser, logo trás os azos consigo, entrando a Ama em casa, topando Aonia só, à boa fé sem mau engano, se pôs a contar-lhe tudo, e jurar-lhe e trejurar-lhe que não podia ser pastor. E porque já Aonia entendia a linguagem desta terra mui bem, é disse a Ama a cantiga, quando e veio a contar de como o pastor com aquelas derradeiras palavras deixara cair a flauta no chão, e com a aba do gabão (que de burel era) se limpava das lágrimas que com elas é vieram, e acabando d'limpar-se, olhara para a aba que com ambas as mãos tinha; e como, parece lembrando-se de quem ele era, eu não sabia porque, encostara o rosto nela, assi entre as mãos como estava; e após um grande suspiro, se deixara estar assi, e assi ficara, quando se ela viera, que, pela chamarem neste meio, se tornara tão triste como havia muito que por cousa alheia o não fora. E encheram-se à velha Ama os olhos d'água, em dizendo «cousa alheia», e assi se virou para outro cabo e foi-se fazer cousas de casa. A senhora Aonia (ainda então donzela d'ate treze ou catorze anos sem saber que cousa era bem querer) de as lágrimas piedosas regou as suas formosas faces e com ele os sentidos primeiro é encrinou. Tanto podem algumas horas as cousas ouvidas! E se não fora que era ela moça, ligeiramente o entendera logo. Mas não no entendeu. Mil vezes naquele dia é tornou a pedir que é dissesse, hora a cantiga e hora como estava, e por acerto perguntando-lhe a vez de que [feições] era, é disse a Ama: «Eu já outras outras vezes o vi, de bom corpo e de boa disposição; o rosto de igual composição; a barba um pouco espessa e um pouco crescida que a ele trás, parece que é aquela ainda a primeira; os olhos brancos, dum branco tamalaves nublado. Na presença logo se enxerga que alguma alta tristeza é sogiga o coração.» Lembrou Aonia só tornar-lhe a perguntar quando foram as outras vezes que o vira. Disse-lhe ela então de como aquele pastor se vinha por derrador daquelas casas sempre, e às vezes se punha a falar com os oficiais, outras andava defronte à ribeira daquele rio, pastorando seu gado; e este era o pastor a que todos chamavam o pastor da flauta, que conhecido era de todos. Não no conhecia Aonia, porque nunca saía fora. Mas então logo pôs sua vontade d'olhar por ele, e catar maneira para isso. Tamanho dó e fez ouvir dele o seu canto. E enganada assi daquela falsa sombra de piedade, dormir toda a noute [seguinte] não p"de. Mas não que ainda fosse declarada consigo, nem baixo daquele desejo determinasse nada; porém ardia em fogos de dentro. E por que de todo acabasse isto de confirmar, ainda bem não era manhã, saindo a Ama da

menina a varanda à maneira d'eirado que sobre a parte das casas estava, e fora logo feito no começo para despejos, viu o pastor estar só sobre a borda deste rio, não mui longe do lugar donde o ela vira o dia dantes, que ali estava o freixo onde se ele pôs a primeira vez que saíra da tenda, e onde também viu a sombra como vos deixe; e ali foi também onde depois veio morrer. E parece já então os seus fados o inclinavam para ali e para aquilo que a ventura de cada um não se pode mudar.

Capítulo XX

Da peleja que o touro do pastor teve com outro alheio: e de como o matou: a qual Aonia estava vendo do eirado.

E como assi o viu, foi-o logo dizer a Aonia correndo (tamanha pressa dava já a fortuna ao desastre, ou era vinda a hora que se não podia alongar). E como lhe teve dito, ocupou-se em negócios de casa. Levantou-se Aonia e deitando só a roupa grande sobre si (que em camisa estava ainda na cama), se foi ao eirado e viu-o estar virado para aquela mesma parte, mas vendo-se Aonia só no eirado lembrou-se logo que ia tocada dum rodilhado só como se erguera, e ou por não parecer que se erguera então, ou já por não parecer mal, lançou ela a manga da camisa sobre a cabeça, e deixou-se estar assi. Nisto começaram as vacas, pastando, rodeá-lo naquele lugar onde estava, que era à maneira d'outeiro pequeno, e andando pascendo elas (as para cá e outras para lá), deixou-se doutra manada vir um touro grande e medonho, urrando e lançando de quando em quando terra sobre as ancas, e doutras vezes [fazendo] que a queria comer meneando sua cabeça para ha e outra parte. E chegando às suas vacas começou tão feramente a pelejar com outro seu, que espanto fazia a ela, lá onde segura estava deles, no mais. E andando assi começaram-se de ir chegando com grande peleja para o lugar onde ele estava, mas vendo ela que não se mudava ele nem tirava os olhos daquela parte onde ela olhava, antes parecia, segundo estava seguro, que os não via, senão que isto não era para crer. Mas quando ela de todo em todo viu que os touros se iam chegando já a ele, ficou esmorecida e tornando em si olhou e com o espaço que se metia em meio, tolhendo-lhe os touros a vista dele, parecendo-lhe a ela que o tomavam debaixo, caiu doutro cabo como morta. Vendo Bimarder aquilo (que para outro não olhava), deu-lhe logo no coração o que era, e ainda que ele tivesse muitas razões para o duvidar, ou não o haver por certo, pois da sua vontade Aonia não era sabedora (que ele soubesse), com tudo creio que assi o quis o bem-querer grande que toda as cousas duvidosas fossem mais certas ou por mais certas se crescem. E cobrando força da manencoria que houvera, pelo que suspeitou com um cajado grande que tinha na mão, tirou ao touro alheio que já o melhor do [seu] levava, e quis sua dita que é quebrou a perna, e lançando-se rijo acordadamente a ele levou-o por um dos cornos, e como Bimarder fosse de grande força e com ajuda do seu touro (que por distinto natural conheceu o socorro que o também por sua maneira começou d'ajudar) prestemente deu com o touro alheio em terra, e virando-lhe a cabeça para o ar o deixou, que se não podia bulir. Viram isto todos os de casa que ao estrondo grande e urros dos touros acudiram e foram todos espantados do esforço grande do pastor e não falavam em alguma Ama que também o via, foi-se em busca de Aonia para lhe contar, mas não a achando na câmara, lembrou-lhe que seria no eirado e indo lá, achou-a deitada. E chegando-se a ela, viu-a como passada deste mundo, e dando um ai grande, lançou mão ao seu rosto; mas ao brado

acordou Aonia como cansada, e parece porque trazia o pensamento ocupado no pastor, foi-se-lhe afigurar o que arreceava. E cuidou que o que fazia Aonia seria com dó do pastor, que assi também chorara ela quando é contara o que fizera o dia dantes, e a primeira palavra que é disse foi: «E o pastor?» Descansou a Ama com isto que é ouviu, parecendo-lhe que esmoreceria ela de ver a afronta tamanha em que se pusera o pastor (como é costume das mulheres). Mas era outra cousa maior, que estava, muito pouco havia dantes, tão longe [de] poder ser, como ela de o poder então cuidar. Mas tudo já pode ser, ao longo tempo não é nova a cousa.

Contou-lhe então a Ama velha tudo o que passara o pastor, e tornada em suas forças, se ergueu Aonia e puseram-se ambas um pouco a olhar para o touro que no chão jazia. E estava ai muita gente dos oficiais das obras e da casa e se não fora por a vergonha que havia Aonia de a verem, que era em extremo bem acostumada, não se fora ela dali. Mas com tudo foi-se já um pouco tão declaradamente contra sua vontade que o entendeu ela, porém como era aquele o primeiro cuidado, não e pareceu de todo o que foi, senão que já consentia ela assi mesma cuidar que, se ele não fosse pastor, logo é quereria bem.

Recolheu-se Aonia logo a câmara para vestir-se e em se recolhendo acertou de vir de fora a mulher de serviço de casa que também parece saíra a ver a peleja dos touros, e entrando na casa donde ficara já a Ama, começou um pouco alto falar-lhe dizendo: «Quereis vos, senhora Ama, saber?» Aqui calou-se como muito maravilhada. A esta palavra que Aonia ouviu, po[s]-se a escutar de trás a guar[da] porta da câmara. «Que há o pastor?» e tornou a Ama. «E a maravilha grande», é respondeu a mulher, «deveis de saber, não sei se vos lembrará, que este pastor é um cavaleiro que aquela ante manhã que a Deus aprouve levar a Belisa para si, chegou aqui e falou a Lamentor e eu m'acertei então lhe e vi-o sair da tenda com os olhos cheios da senhora Aonia, e d'água; e que todo o tempo que estivera dantes, sempre olhou de maneira como que não podia al fazer, e que não desejava fazer al. Que vos ei de dizer, verdadeiramente me pareceu então que se ia ele, como que é ficava o coração. E por isto que entendi, saí logo após ele por ver onde ia, e ele foi-se assentar apar dum freixo grande que ali está onde foi a peleja dos touros. Não olhei mais o que fizera nem o tempo era para isso, senão agora que fui ver aquilo que ele fez e em pondo os olhos deu-me logo o ar dele, e tomei eu isto por mistério, por que, canta então, estava eu bem fora de cuidar nele. Por esta imaginação súbita que me veio, tornei atentar mais nele e vi que não podia tirar os olhos de cá, e quando vos fostes do eirado, ficou mais triste que dantes. Quanta para mim, abastou aquilo para confirmar minha presunção, porque ele é aquele como Deus é Deus.» Era esta mulher um pouquinho lambareira, e porém era avisada se o alguém era, mas pela outra taxa que tinha, [quis-se] a Ama encobrir dela, e posto que aquilo logo se é assentasse n'alma, por lhe desfazer disse-lhe que se fosse dai, que ela conhecia aquele pastor por é ver tanger um dia ha flauta bem, e perguntara por ele e disseram-lhe que era filho de um maioral de a grande manada de vacas e gado que neste vale andava. E assi se despediu dela. Porém a velha Ama ficou crendo, que bem sabia ela que os acertos em toda as cousas podiam muito e no querer bem mais que em todas elas.

Capitulo XXI

De que maneira Bimarder se viu com Aonia.

Aonia que estava escutando, ouviu toda esta prática, e com quanto a Ama contradissera o da outra, ela o creio. E não fora isto nada, senão que, após a crença, foram toda as outras cousas que as crenças nestes casos só em trazer após si, que logo teve desejos cuidando o bem querer, e já não havia dia nem hora que ele fosse certo de sua vontade, para que se não apartasse dali por algum desastre, que ela logo começou arreçar: porque o verdadeiro bem querer não pode estar muito sem receios. Vedes aqui como se enamorou esta donzela de Bimarder, que pareceu cousa feita a sintese; porque ambos se começaram a querer bem sobre a sombra de piedade, e haviam de acabar ambos de maneira, começaram assi também ambos de dous dela. Aonia que se determinou com sigo não p"de mais descansar. E como ele tivesse em costume vir sempre por derredor daqueles passos (que suntuosos se faziam à maravilha), por a fresta alta que na câmara onde ela dormia, fora só feita para lume, se subiu Aonia sabendo como ele andava ali. E como o viu com os desejos que tinha de o ver e com o que consigo tinha assentado, pareceu-lhe não tão sois assi como ele era, mas como ela queria que fosse. Depois de o ela estar olhando um pouco, bem à sua vontade, porque ele ainda que contra a fresta com o rosto acertasse então d'estar, acertou-se também d'estar olhando para o chão, cuidadoso como só ia, teve ela tempo para o ver bem. Mas depois de um pedaço bom, não suportando não ser vista dele, fez que falava com alguém de casa, e a isto olhou Bimarder e conhecendo-a transportou-se, parece, e caiu-lhe o cajado no chão. Levou Aonia contentamento daquele desacordo que bem viu, e esteve assi mais um pouco. Mas não p"de tanto forçar-se que a vergonha natural de donzela (ainda tão moça e tão guardada como ela o era) não pudesse mais que o seu desejo, e tirou-se então assi da fresta. Porém não sendo ainda bem abaixo, tornou a espreitar se fora ele, e tornou-se logo a tirar. Também quisera ela tornar outra vez e outras, mas não p"de tantas vezes acabar consigo de fazer o que não devia. Veio-se a noute aquele dia mais cedo para Aonia do que ainda outra nunca viera. Deus sabe como ela aquela tarde passou! Mas não quero contar aqui muitas cousas que por querer bem se fazem, de maneira que se não podem dizer. A velha Honrada da Ama que com o que suspeitou, entendeu o desassossego de Aonia (que diferente foi logo para quem atentasse nisso), andava triste e anojada em parte de si pelo que é contara dele e por isto o sentia muito mais. E aquela ceia não p"de comer. Mas recolhidas que elas foram àquela câmara da fresta onde dormiam, pondo-se a Ama a pensar a menina sua criada como soía, como pessoa agastada d'alguma nova dor, quis-se tornar às cantigas. Começou ela então contra a menina que estava pensando, cantar-lhe um cantar à maneira de solão, que era o que naquele tempo e partes nas cousas tristes se costumava [e] dizia.

Pensando-vos estou, filha,
vossa mãe me está lembrando;
enchem-se-me os olhos d'água,
nela vos estou lavando.
Nascestes filha entre mágoa
(para bem, filha, vos seja)
que no vosso nascimento
vos houve a fortuna inveja.
Morto era o contentamento,
minha alegria ouvistes:
vossa mãe era [fiida],
nos outras éramos tristes.

Nada em dor, em dor crescida,
não sei onde isto há d'ir ter;
vejo-vos, filha, formosa
c'os olhos verdes crescer.
Não era esta graça vossa
para nascer em desterro,
mal haja a desventura
que pôs mais nisto que o erro!
Tinha aqui sua sepultura
vossa mãe, e a mágoa nos;
não ereis vos, filha, não
para morrerem por vos.
Não houve em fados razão,
nem se consente rogar;
de vosso pai, hei mor dó
que de si s'a de [queixar].

Eu vos ouvi a vós só,
primeiro que outrem ninguém,
não fôreis vos, se eu não fora,
não sei se fiz mal, se bem.
Mas não pode ser, senhora,
para mal nenhum nascerdes
com este riso gracioso
que tendes sobr'olhos verdes.
Conforto mais duvidoso
me é este que tomo assi;
Deus vos dê melhor ventura
da que tivestes te aqui!
Que a Dita e a Formosura,
dizem patranhas antigas,
que pelejaram um dia,
sendo dantes muito amigas.
Muitos hão que é fantasia,
eu que vi tempos e anos,
uma cousa duvido
como ela é [azo] de danos.
Mas nenhum mal não é criado,
o bem só é esperado
e na crença e na [esperança]
em ambas há mudança,
em ambas [há] cuidado.

Capítulo XXII

De como Bimarder estando na fresta da câmara de Aonia se pôs de vagar a ouvir a ama.

O pastor da flauta que não era pastor, teve aquela noite maneira como, com um pão que colheu, arribou à fresta, e já estava nela, quando a Ama começara a cantar. Bem conheceu na limpeza das palavras e na pronúncia delas que era natural desta terra e avisada, por onde logo arreceu que, se não tivesse nela ajuda, que seria grande estorvo, e encomendou-se à sorte. Acabou a Ama de pensar a criada, que não foi pensada sem muitas lágrimas d'ambas de duas, dela e de Aonia, que penteando-se esteve em mentes, segundo sentiu Bimarder, que ele nada de dentro podia bem revisar pelo impedimento dum pano que diante da fresta estava para amparo dela. E acabada a menina de pensar, apagando o lume se deitaram ambas, e porque a Ama tinha sua suspeita, fez que dormia para espreitar Aonia, e Aonia, porque tinha seu cuidado, não podia dormir, e hora se revolia para a parte hora para outra, outras vezes após um sossego dum pouco, colhendo fôlego, dava um baixo suspiro longo à maneira de cansada daquilo que acabara de cuidar. Esteve a Ama tudo notando por um grande espaço, e já Bimarder estava para se descer cuidando que era outrem que fazia aquilo, senão quando a Ama começou assi a falar encontra Aonia dizendo:

Capitulo XXIII

Do singular conselho que deu a ama a senhora Aonia pelo que suspeitou de seus amores.

«Não dormis, senhora Aonia? E que será, se não podeis dormir?

Parecendo-me vai que esta nossa vinda aqui para desastres foi e no mais. Mas assi de longe os ordena eles a ventura, que logo ao começo se não poderem conhecer. Mal cuidava eu o que havia d'acontecer à senhora Belisa, quando aquela noite, depois de dormirem todas, nos levantamos, nos só caladamente, e pelo laranjal do jardim, que com a espessura do arvoredado fazia então maior escuro, passamos cheias de medo, e vos pegada em mim toda tremendo, fomos sair pela portinha falsa que no mais escuro lugar dele estava, aonde achamos a Lamentor aguardando-nos já havia pedaço, todo cheio de esperanças tão longas que enfim haviam de vir ser assi esperanças e no mais. Por isso cumpre a todas as pessoas e às donas senhoras muito mais cumpre, pois são as que aventuram mais, que ao principio das cousas olhem onde elas podem ir parar, que não há uma tamanha que no começo dela se não possa resistir ou deixar sem trabalho; que muitos rios grandes [há] que, onde nascem, se podiam impedir com um pé ou levar para outro cabo, e no meio deles, ou depois que colhem forças, todo o mundo junto não os poderá tolher ou mudar: chama a água outras águas, um ribeiro outros. Em pequeno espaço crescem de maneira que se não podem depois deixar. Grandemente devia cada um cuidar se o que faz, ou determina fazer, é cousa honesta e que convenha; que, se [lhe sai bem] todos, lhe tem a bem, e se não, ainda que o mundo lhe tenha a mal (o que muitas vezes acontece) porque mal pecado já os conselhos não são julgados senão pelas saídas deles, não tem ao menos de que se queixar consigo. E grande bem lhe, a meu ver, escusar a pessoa amizades dentre si, pois não há lugar quão neste mundo que defenda a ninguém de si mesmo. Podem-se tolher inimigo e inimiga, frio e chuva, cuidado pode-se não tomar, mas tolher, não. Já a quem faz o que deve, saindo-lhe como não deve, não quero afirmar que é não dar paixão, que a perda de qualquer propósito, ainda que seja desarrazoado, a dá. Mas assi digo que se é de paixão, dar-lhe-a o sofrimento para ela; que bem aventurado se pode

chamar nesta vida quem tem dor que se suporta, pois (segundo parece) não se pode viver sem ela, assi ou assi. Nos amores cuidara alguém que não é isto necessário e que não é acostumado. Cuido eu que puder ser mais necessário, que se em toda as cousas se dever haver respeito, ao como e ao quando e ao porque ou para que se fazem, por se não errarem, maiormente se deve este respeito nos amores de ter, pois são tão sujeitos aos erros. Que mais mal contado será ao caminhante rico, se fosse desapercebido pelo lugar que de ladrões e seguido, que por outro que o não fosse; que naquele, se e acontece algum desastre, culparia a ventura: mas naquele outro culparia a si mesmo, que são culpas mais graves de perdoar. Por isto, senhora Aonia, vos peso aprendais de mim, que vi culpas e os danos delas, que assi como toda pessoa no bem é mais amiga de si que doutrem, assi também no mal, quando acontece que haja algum desvario consigo, é mais inimiga de si que de ninguém. E isto não é para espantar que é inimigo de casa, como dizem. Ainda mal muitas vezes, porque foi necessário que vê-lo dissesse, e porque o soube para vê-lo dizer. Querei antes, senhora, não ser contente que arrendida.

Aqui fazendo a Ama uma pouca de pausa, não para acabar senão por descansar, que em vontade tinha já de dizer tudo, sentiu dormir Aonia. E cuidando à primeira que fosse fingindo, esteve um pedaço espreitando-a e por derradeiro pondo-lhe a mão, bulindo-a, se certificou que dormia. Parece que de cansada do cuidado não acostumado adormeceu. Ela era moça e nunca se ainda vira noutra tal. A Ama ainda que é isto fizesse dúvida do passado, com tudo pelo que passara por ela, já pareceu-lhe o que era, que não há cousa que traga mais certo sono às moças que a dor grande, e às velhas tiram-lhe. E com esta fantasia em que se a Ama afirmou, adormeceu também.

Capitulo XXIV

Em que conta o mais que a ama passou com a senhora Aonia acerca de Bimarder.

Bimarder que todo aquele tempo passou como Deus sabe, vendo que assi se calaram, não soube que se determinar; que tão cortado ficou das palavras da Ama pelo dano que temeu de é fazerem, que se e tornou o juizo e não soube dar saída uma àquele calar. Enleado assi consigo acerca do que seria, esteve até que a manhã clara o levou dali bem contra sua vontade. E porém não se p"de ir longe dali. Da mágoa dele não vos quero contar (era homem, poderia com ela), mas da coitada de Aonia a que as boas palavras da Ama não aproveitaram mais que para se guardar dela, vos contarei. Ergueram-se pela manhã e posto que a Ama atentasse Aonia, dizendo-lhe se ouvira ela o que a noite dantes contara, dissimulou altamente, e pela sua idade, e pelo amor da criação que é a Ama tinha, creio logo de todo, e pelo sossego de Aonia, feito acinte, o acabou de confirmar, e ouve o passado por nada. E pareceu-lhe que seria desassossego de moças, que às vezes por mocidade fazem cousas que não fariam em outra idade, ainda que nisso é fosse todo seu desejo. Assentando a Ama nisto, meteu-se n'ocupação de casa que era grande, porque sobre ela carregava tudo; pelo qual a Aonia ficou lugar e tempo em abastança para cuidar mais à sua vontade e para fazer como Bimarder fosse certo dela. E pondo cofres sobre cofres, fechada a porta da câmara, primeiro dissimulando fazer alguma cousa, se subiu à fresta e ainda bem não era nela, viu a Bimarder que não estava longe dali nem tão perto que a conhecesse logo, pelo que se deixou ele

estar um pouco para se afirmar melhor. E ela que não suportou já aquela tardança, lançando a manga da camisa fora da fresta, fez que o chamava. Chegou ele asinha e vendo-a ficou assi sem poder dizer nada. Mas Aonia que estava já determinada consigo, ousou a falar-lhe primeiro, mas não o que ela quisera, que não p"de acabar consigo tanto. E mudando o propósito naquilo em que se acertou, é disse: «E aqui andas, pastor, todo o dia, sempre?» «E essa fresta», respondeu ele, «não está ai, senhora, de noite também?» Aonia que o entendeu, muito manso e tornou: «Está», ajudando a palavra com um abaixar dos olhos, que de todo então ao dizer daquilo pôs nele. E não na entendera Bimarder senão fora por isso, mas não é tornou [ele a repostar], cá ela nisto desceu-se porque se é assegurou que buliam à porta da câmara, e tornando os cofres a seu lugar, se foi abri-la. E não achando ninguém, quisera tornar, senão quando, nisto, eis vem a Ama e outras mulheres de casa, de maneira que todo aquele dia passou como Deus sabe. Mas logo cuidou que aquelas palavras que é dissera o pastor que eram para que também olhasse de noite por ele. E com esta esperança que se deu a si mesma, passou aquele dia. E também Bimarder passou com a sua que tomou [daquela] palavra derradeira que é ela falou, mais com os olhos que com outra cousa. Mas não cuidaria ele (me parece a mim, dizia meu pai) que havia de ser para tanto como é saiu, pelo pouco que entre ambos era passado, e porém por isso estava mais certo (me torna a mi a parecer, dizia meu pai), porque como a ventura venha mais em toda as cousas que tudo, [quem só a tiver] não há mister mais.

Capitulo XXV

De como Bimarder pela fresta do aposento de Aonia e falou.

Como aconteceu a Bimarder que, vinda a noite, pondo-se ele à fresta como a passada fizera, sentiu-as deitar, e dai a um grande pedaço já que estava desesperado, ouviu pela casa andar mansozinho, p"rem como alga cousa encontra a fresta. Estando com o sentido pronto, nisto sentiu que subia alguém e não crendo que fosse tanto (como acontece na vista das cousas muito desejadas e esperada muito), mas antes arreceando algum desastre, abaixou-se prestemente e deixou-se estar ao pé da fresta. Aonia levantou o pano e com o escuro que fazia não viu ninguém. Com tudo deixou-se assi estar um pouco, e não sentindo nada, duvidou de todo, e indo para se descer, disse: «Parece que foram palavras.» Conheceu-a na fala Bimarder, e dizendo: «Não foram nem serão», subiu azinha a fresta. E ela também [conheceu-o] em subindo, e chegando ele, querendo falar-lhe disse ela: «Muito passozinho, que me perdereis.» Nisto começou chorar a menina e acordando a Ama, se pôs a embalá-la, cantando-lhe, mas não se querendo ela calentar, se ergueu a Ama dizendo: «Não sei se acharei lume, que esta criança sente alga cousa.» E depois abriu a porta da câmara, e foi à outra casa das mulheres catar lume. Aonia que viu não haver remédio, querendo-se azinha descer, chegou o rosto muito à fresta, dizendo: «Hi-vos embora, que não pode ser mais.» «De vos», é respondeu ele, «me não posso eu ir assi», e isto tremendo-lhe a fala. E ela que ouve dó dele naquilo, querendo soltar o pano, amparo da fresta, não se p"de ter que não é dissesse: «Pelo que fiz por vos, julgareis o que tinha para vos dizer, e perdoai-me que não vos posso pagar em mais que o soltar deste pano.» E assi o soltou, descendo-se muito azinha, concertando tudo. E quando já tornou a Ama, achou-a deitada.

Capítulo XXVI

De como Bimarder estando na fresta d'Aonia adormeceu e se foram por sonho os pés e caiu.

Bimarder deixou-se ficar à fresta e esteve até pela manhã, que tão ocupado é ficou o pensamento daquelas palavras que é Aonia dissera em se indo, e como lhes dissera, que a cousa e outra não é deram mais vagar, nem tão sois para é acordar o fugir do tempo. Mas como ele não tivesse a noite dantes dormido, nem o dia que se seguiu, entoncos como descansando alguma parte de seus cuidados (não já para os ter menos), mas como se acontece que quem trás alguma cousa que muito deseja [anda], em mente aquele desejo o trás, não pode repousar, e depois que alguma segurança é vem, repousa e dorme, como se o alcançara. E não podemos dizer que seja então menos o desejo que antes por razão deve ser mor, e assi foi. Bimarder, que parte descansado parte descontente, transportou-se parece tanto em seu cuidado, que se foram por sonhos os pés e as mãos, e caiu no chão com o pão após si. E ao cair lavou-se todo em sangue aquela parte do seu rosto que daquela banda da parede levou, de que muitos dias esteve mal depois. Mas umas cousas grandes se acabaram senão por meio de grandes desastres, como aqui vereis; porque aquela queda foi a Bimarder causa de ver o que por ventura nunca vira.

Capítulo XXVII

De como a ama sentindo de noite o estrondo da queda, o que sobre isso fez como foi manhã.

Mas diz a história que a menina não deixara mais dormir a Ama, e sentiu todo [aquele] estrondo; e Aonia que não dormia também o ouviu, e cuidou logo o que temeu, porém dissimulou grandemente, porque já se guardava da Ama. Mas ela que já também estava [descuidada] de Aonia, foi suspeitar outra cousa: que seria alguém daquelas obras (porque muita gente andava ai), e pela ventura veria espreitar por aquele lugar o que elas de noite faziam; que bem sabia ela que os homens tudo ousavam fazer de noite. E ainda bem não era manhã, foi derrador das casas, e achou sinais por onde confirmou sua suspeita, e logo a mandou tapar de pedra e cal, contando tudo (da maneira que o ela cuidou) primeiro a Aonia que lhe ouviu com tamanha mágoa, que mor trabalho cuidou eu que levaria em lhe encobrir, que em a sofrer consigo, porque o sofrer faz-se por vontade, e a outra, contra ela. Mas este remédio tolhido a Aonia, é deu causa para ela buscar outro maior. E chamando a mulher de casa (que Ynês se chamava), avisada, e de quem se podia bem fiar grandes cousas, e segurando-a no segredo pelas melhores maneiras que p"de, contando-lhe seu coração, e disse que mandasse ver se andava pela ribeira daquele rio o pastor da flauta, e se o não visse, perguntasse a algum pastor por ele. Fê-lo ela assi e soube que jazia doente em um monte perto dali onde moravam a mulher e filhos do maioral do fato em que ele andava.

E tomando ela em sua companhia um homem de casa, determinou ir lá porque tamanha vontade conhecia em a Aonia, que não p"de fazer menos. Chegou asinha ao monte e perguntando pelo pastor da flauta lhe foram mostrar a casa palhiça detrás das outras onde ele estava. E ficando eles ambos sós (que assi

buscou maneira Ynês), ela é descobriu inteiramente ao que ia. Bimarder que logo o creio (porque era mulher) sobre a pobre cabeceira donde estava encostado, se é deixaram cair as raras lágrimas causadas dentre muito contentamento e muita dor, que d'ambas de duas saem elas às vezes de vir, as quais fizeram certa a Ynês do grande bem que ele a Aonia queria (não é esqueceu a ela contar-lhe, depois). Ali estiveram ambos um grande pedaço de tempo, que Bimarder contou-lhe todo o começo, e detiveram-se tanto que foram suspeitados mal da tardança (se fora em outro lugar), mas a vida do monte não cria suspeita como não cria de quem se suspeite mal. Mas com tudo detiveram-se ainda menos do que ambos quiseram, pelo homem que Ynês trouxera. Tornada ela aonde Aonia estava, é contou tudo, cousa e cousa, que não ficou nada.

Capitulo XXVIII

De como estando da queda Bimarder muito doente, Aonia buscou maneira para onde o fosse visitar.

Veio assi o acerto que perto dali havia a casa da santa de virtudes de grande romagem, e era então ao outro dia bespara do seu dia e a Ama e mulheres de casa ordenaram de ir lá. E ávida licença de Lamentor para Aonia, e posta no caminho (que a pé podiam bem andar), ao passar pelo monte se chegou Ynês a Aonia e disse-lhe que ali era, porque assi iam já concertadas. E nisto fez Aonia que cansava. A Ama disse logo que repousasse um pouco. Mas desta vez não teve ela maneira para ir onde Bimarder estava. Foi la Ynês. E da tornada fizeram ali grande detença. E buscando achar que de querer lá ir para detrás das casas, levando a Ynês consigo, houve tempo para Aonia entrar onde ele estava então deitado encontra a outra parte da parede chorando, porque não vira Aonia ao passar, que bem se poderá ele erguer. E como isto perdera, cuidava também que havia de perder a tornada; porque um mal nunca viera sem outro. Pelo qual estava no maior pranto do mundo entre si. Entrada Aonia, deteve-se um pouco, e sentiu que chorava e suspirava baixo, de maneira como que naquilo forçava a si mesmo. Ela por ver se poderia saber o porque o fazia (que já dissecava saber dele tudo), deteve-se ainda mais, mas ele com pensamentos que sobrevinham ao choro, mais o acrescentava do que o diminuía. E assentando-se então Aonia na borda daquela sua pobre cama é pôs a mão, e quisera-lhe dizer alguma cousa, mas não p"de que é faleceu o espírito. Virando-se Bimarder e vendo-a, também é faleceu o seu. Estiveram assi ambos um grande pedaço, sem se dizerem nada um ao outro, ele com os olhos postos em Aonia, e Aonia postos os seus no chão, que em se virando Bimarder, é tomou vergonha. Levando-os assi a terra, cobriu-se-lhe o seu formoso rosto de a tamalaves de cor além da natural, e só ia dizer meu pai (que parte desta história em seu tempo se soubera) que não parecia senão que viera aquela cor, como para ajudar ainda a Aonia contra Bimarder, tão formosa a ela, formosa, fizera. Mas estando assi nisto eles ambos, e não estando eles ambos ali, chegou Ynês muito rijo à porta, dizendo que se queriam já ir e que a mandavam chamar. E assi foi forçado levantar-se Aonia e ir-se, e Bimarder ver tudo e ficar. Mas Aonia que bem via os olhos de Bimarder como ficavam, tomou a manga da sua camisa e rompendo-a como para remédio de suas lágrimas lhe deu, sanificando na maneira soube como lhe deu, o para que lhe dava, cá parece que a dor grande não lhe deixou dizer por palavras. Mas em lhe dando, pôs seus olhos nos seus, dizendo só assi: «Pesa-me,

pois minha ventura não quis que vos deixasse de magoar com o que eu não quisera.» Estas palavras e disse ela já fora da porta, e com elas e com o que sentiu ao dizer delas, duas e duas é começaram as lágrimas de correr dos seus formosos olhos, pelas suas faces formosas abaixo é iam fazendo carreiras por onde se iam, que a Bimarder a tanto pranto comoveu quanta era a razão dele, pois perdida a vista, foi tanto o choro, que não é abastaram os seus olhos às suas lágrimas, pelo que não p"de então dizer nada. Mas Ynês apressando a Aonia com a fala, e com as mãos quase empuxando-a e levando-a já, virou-se para ele Aonia dizendo: «Levam-me.» E deixando-se ficar toda com os olhos, se foi, assi levada te que com as paredes das outras casas transpôs a porta daquela de Bimarder. Ele não se p"de ter que pela outra banda da sua casa se não saísse encontra aquela parte donde se podia ver o caminho que elas levavam. E ali esteve olhando em mentes a terra que é deu lugar, e depois um grande pedaço, em quanto poderiam bem chegar a casa, cá parece folgavam também os olhos com a presunção, e descansam d'olhar para aquela parte donde está ou vai aquilo que poderão ver, se não foram a fraqueza deles ou o impedimento d'alguma cousa . Mas como é pareceu que seria em casa, lembrou-se logo do lugar onde estivera ela na sua assentada, e a grande presa se tornou para lá. E entrando, foi-se ali para onde estivera dantes, e consigo estava fantasiando Aonia, hora lembrando-lhe como aquilo fizera, hora como aquele outro.

Depois tomando aquela parte da manga que é deixara, se punha a chorar com ela a voltas de palavras tristes, como que houvese ela d'entender nisto. Assi passou naquela doença em que grandemente foi visitado de Ynês, e sarou azinha. E daqui te que é aconteceu a desventura que vos contarei, se passaram tempos e outras infindas cousas; porque os passos de Lamentor acabaram-se, e pelo apartamento do lugar em que estavam, Aonia e a Ama com outras mulheres de casa iam a passar tempo ribeira daquele rio donde Bimarder sempre andava. Mas uma cousa há neste mundo em que se deva ninguém muito de fiar; que aquela grande segurança em que Bimarder estava, em lugar também tão ermo ainda é não p"de durar como o vereis.

Capitulo XXIX

De como Lamentor casou Aonia com o filho d'um cavaleiro seu comarcão: e do que Enis aconselhou Aonia que fizesse.

Foi assi que a donzela por quem morrera o cavaleiro da ponte, como vos ei contado, veio tristemente acabar por azo da viuva irmã que o levou nas andas. E sucedeu no castelo um filho dum cavaleiro muito válido e rico nesta terra, que por meio de vizinhos desejou a Aonia por mulher, o que foi azinha acabado pela igualza d'ambos naquilo em que a quiseram aqueles em que estava o pasme do casamento. Mas pelo nojo de Lamentor e pelo apartamento da vida, não o soube Aonia, senão o dia dantes que a haviam de levar para o castelo, que em sua casa não queria Lamentor ver prazer, e bem é pareceu a ele que não se descontentaria Aonia do esposo, porque era bem aposto cavaleiro e dos belos do mundo abastado, e por isso também escusara dizer-lhe então. Mas não foi assi que Aonia toda aquela noite passou num grito, e se não fora por Ynês que de todo seu segredo era sabedora, morrera, ou se fora por este monte. Mas ela consolava-a, e com outras esperanças que é deu, não somente a susteve que não fizesse de si nada, mas ainda é fez ser contente daquela vida e desejá-la, porque é dizia que, segundo os

casamentos ocupavam aos homens, podia ela ter a liberdade que quisesse, a que na casa onde estava não podia ter. Este conselho foi tomado sem Bimarder, porque a brevidade do tempo não deu lugar para isso; mas consertaram-se ambas que ficasse Ynês para lhe dizer. Ao outro dia, ou depois, mandaria por ela, porque logo determinou pedi-la a Lamentor. E veio aquele outro dia, e como Bimarder não guardasse outro gado, ainda bem não era manhã já ele andava ribeira deste rio e viu vir gente de cavalo, muita, e passar a ponte encontra os passos de Lamentor. Mas não teve então a quem perguntar que seria aquilo. Com tudo não se tirou dali, porque logo se é revolveu o pensamento e enclinou a vontade a querê-lo saber, que pela maior parte o que há de ser, da primeiro sempre n'alma, e se andássemos sobre aviso, ligeiramente entenderíamos tudo ou parte do que há de ser.

Capitulo XXX

De como Phileo o marido de Aonia desejoso de a ter em seu poder a levou de casa muito acompanhada.

Descidos os de cavalo, estiveram per grande espaço com Lamentor.

Depois começaram a sair uns trás os outros, fazendo maneiras de prazer, e nisto viu Bimarder donas a cavalo, e viu o fio da gente encontra a ponte, por onde teve razão de perguntar a um pajé que cousa era aquela. Deixe-lhe ele passando seu caminho. Mas Bimarder não o acabou de crer, tamanho abalo fez no seu coração. Mas olhando viu Aonia e com ela, da banda esquerda, o seu esposo que conhecido ia nos trajes e pela comunicação da prática que entre si ambos levavam. Como derradeira cousa [levou-a] toda. E olhando-a Bimarder mui bem a viu. E Aonia nunca se virou para aquela banda sua, sabendo quam continuada dele sempre era. Mas antes, porque ia inclinada para aquela banda onde o esposo ia, pareceu-lhe a ele que o fazia acinte, que mais ainda devia a ele do que ele a ela; cá isto é natural: quando vos há pessoa cai num erro, todas as cousas que depois faz, as tomais à pior parte, como aqui acreceu. Ficou Bimarder tão cortado que dali a mais de hora não cuidou nada. E acabando ela de ir, virando-se para outra parte, se foi, e não no viram mais.

Aquele dia à tarde veio Ynês a buscá-lo, e não o achando perguntou por ele, e disse-lhe outro pastor que acaso acertara então d'estar perto dele olhando também a gente, que, depois dela ida, estivera ele um pedaço sem se mudar de um lugar e sem tirar os olhos do chão, como homem cuidadoso em sua maneira, e tanto que ele mesmo olhara para isso e quisera-lhe falar senão quando ele, nisto, se virara para outro cabo, pela ribeira, dando a andar rijo, desaparecera, e que nunca o mais vira. E que já ele fora ao monte de seu amo perguntar por ele para que viesse pastorear seu gado que andava desmandado, e que do monte também o vieram buscar por todo este mato, e pareceu a todos que seria ido, porque ele nunca tal acostumou e já outrem andava com seu gado. E ficou Ynês toda fora de si, e logo cuidou [que lhe] não cumpria ir viver com Aonia nem vê-la, pois saíra tão mal seu conselho.

E tornada para casa, ordenou dilatar sua ida por alguns dias para ver se saberia algumas novas de Bimarder. Entretanto, não sabendo mas, e apresando-a Aonia que lhes levasse, determinou com tudo de ir, porque por outra via cuidou entre si que com pouco trabalho se é tiraria Aonia por então a Bimarder do pensamento, que os casamentos à primeira parecem outra cousa, e as senhoras que dantes foram presas d'amor, logo aos primeiros dias esqueciam tudo o passado; mas

depois, por nojos e desgostos que nascem da culpa do longo tempo, ou [conversaço] que trás menosprezo, tornam depois muitas vezes à lembrança do passado. Por isto que consigo cuidou quis obedecer a Lamentor que já ao pedido de Aonia mandava que a levassem. Que vos ei de dizer? Ainda bem não chegavam, apartou-se Aonia com ela, mas sabido o que passava, chorou muitas lágrimas e maldisse o dia em que nascera. Ynês que era avisada e havia que o mal não se podia curar, que se devia dilatar, é fez a fala desta maneira: «Deixai-vos, senhora, do pranto, que dele não se vos podem seguir senão dous males muito grandes. Um é que matais a vos com choro, e quando pela ventura vier Bimarder, não vos quereria achar assi, e será esta então maior ofensa para ele; porque estoutra tem desculpa e esta não na terá, senão que se é quiserdes dizer que desconfiáveis dele, que monta tanto, como cuidardes dele mal. Hora vos haver de lá convosco, senhora, se podereis dar culpa a quem quereis tamanho bem. Pois afora isto, tendes ainda outro mal, que correis risco de se saberem vossos prantos, e como eles sejam tomados em tempos de voadas, não se poder deixar de suspeitar deles mal. E por aqui tolher-se-vos-a pela ventura o que pode ser ainda nalgum tempo (o que eu espero); porque as lágrimas de Bimarder não podiam ser sem vos ele querer muito grande bem, e não vos podia ele querer muito grande bem, que é não doesse muito o que fizestes; e não é pode doer muito o que fizestes que n'algum tempo não queira saber o como ou porque lhe fizestes; porque o bem querer grande faz sentir muito os escândalos recebidos, e crê-los por aqueles, quanto abaste para o sentimento ser maior do que pode ser. Mas porém sempre deixa a dúvida, lá na crença, para experimentar n'algum tempo, tarde ou cedo, segundo a dor grande ou pequena é do lugar. Não pode ser que aquilo que vos, senhora, sabeis, não faça duvidar Bimarder destoutro que fizestes, de se ele desenganar para si mesmo. Ou, se isto não é assi, não há verdade no mundo nem nos homens.»

Capitulo XXXI

Em que se diz da grande dor que sentiu Aonia em seu casamento.

Estas palavras desagastaram muito a senhora Aonia, mas não de todo; que na verdade se a até deixaram estar só, e ter tempo para perseverar neste cuidado, não creio eu que ela poderá durar muito. Mas era esposada d'então, e as cousas e outras não a deixavam nunca só; espalhavam-lhe os seus cuidados. Assi ela, pouco a pouco, se foi avezando a viver doutra maneira, que as ocupações de casa, e a desconfiança ou desesperança que foi tendo de Bimarder, é fizeram inda nas cousas passadas a sombra de esquecimento, em que ela poderá viver todos os dias de sua vida descansada, se em alguma cousa deste mundo houvera segurança. Mas não na há, que mudança possui tudo. Deixemo-la agora porém ficar assi.

Livro segundo

Capitulo I

Como sabido por el Rei da formosura da senhora Arima a pedira a Lamentor para na corte servir à Rainha.

Arima (que assi se chamava a menina senhora, criada da Ama), neste meio tempo fez-se a mais formosa cousa do mundo. Sobre tudo o que ela tinha extremadamente sobre todas, era-lhe natural a honestidade que em muitas, feitas ainda à mão, parece muito bem. A sua mansidão nos seus ditos e nos seus feitos não eram de cousa mortal. A sua fala e o tom dela soava doutra maneira, que voz humana. Que vos ei de dizer?

Não parece senão que se ajuntavam ali todas as professoras como que se não haviam d'ajuntar mais nunca. E era ela um só amor a seu pai, que grandes haveres tinha para ela guardados, se a [ventura] a não tivera guardada para outros.

Dentro neste nosso mar Oceano (em que aqui perto entra este rio) contam que havia naquele tempo a ilha tão avondosa, tamanha de terras ricas e cavaleiros, que dali casi todo mundo senhoreavam. Falavam dela maravilhas grandes, mas o nosso conto não é agora este. Nela dizem que havia um Rei naquela razão, que só tinha a corte no mais alto estado que podia ser; mantinha-se ali usança que toda as donzelas filhas d'algo, como eram em idade para isso, se levavam à corte da Rainha e dali saíam honradamente casadas. Tinha-se ali em preço grande naquela terra, e em toda as que derredor sogigavam, Lamentor, que por fama já era del Rei conhecido e aceito a ele pela sua maneira diferente de todas as outras e pela sua nobreza de sangue e feito d'armas, de que era sabedor por muitos cavaleiros andantes de sua corte que o bem conheciam; pelo que é foi pedido de parte del Rei que quisesse honrar sua corte com a Arima, sua filha, porque tendo lá a ela, é pareceria que tinha a ele, e por ventura se ordenariam cousas por onde n'algum tempo o visse (cousa que ele tanto desejava). Cuidava el Rei que o casamento de sua filha é poderia mudar o propósito. Lamentor que bem sabia que os pedidos dos reis[mandados] eram, não lhe p"de negar. Concertado tudo o que era necessário para aquela ida, vindo muitos parentes seus já por parte do casamento de Aonia, vestida Arima à maneira (porém ainda de dó), porque dado que muito houvesse que era falecida sua mãe, na casa de seu pai não no parecia, e também porque já por costume naquela casa nenhum outro vestido parecia melhor, e Arima já que se queria partir, apartando-se da outra gente, foi-se só àquela câmara onde seu pai só ia sempre d'estar depois da morte de Belisa, porque ali também para sempre estava ela, a qual era feita também em maneira para a contemplação triste. E entrando ela, indo-se para [por em joelhos] e beijar-lhe a mão, a tomou ele amorosamente, e [abraçando-a] e assentando-a apar de si, tomando-lhe as suas formosas mãos entre as suas dele, assi é começou com os olhos cheios d'água a falar desta maneira:

Capítulo II

Da grande mágoa que sentiu Lamentor por se haver d'apartar de sua filha Arima.

«Para algum conforto das mágoas que me ficaram, me parecia a mim, filha senhora, que me vos deixara a vos vossa mãe. Agora sou constrangido de nova dor, quando não há novo lugar onde a receba.» E porque a estas palavras é corriam já as lágrimas pelas suas honradas barbas, a Arima foram também causa doutras. Mas tornou ele, esforçando-se como cavaleiro que era, limpando azinha os seus olhos, dizendo-lhe como pela desagastar, vendo também é corriam as suas:

«Não choreis vos, filha, que fazeis nojo dessa maneira a vosso coração. Não convém lágrimas tantas à vossa formosura; que, ainda assi sem elas, não podereis deter tanto, que não [vá] primeiro que vos muito queirais: cá o tempo bom não

aguarda por ninguém. His para a corte onde se não costumam senão prazeres, verdadeiros ou fingidos!

Deixai a vosso pai os nojos, pois que para eles nasceu, que vos para outra cousa devíeis nascer, se vos não foi dada a formosura de balde, e se al está ordenado no céu, primeiro que o eu veja, me possua a mim esta terra que, tanto tempo há, que sem a melhor parte de mim tem lá, e assi o rogo eu a Deus. Muitas cousas me lembravam a mim para vos dizer nesta partida, mas quero agora, quanto em mim for, escusar-vos mágoas, que pois as não vistes, não foram feitas, parece, para vos. Esta só vos lembrarei. Sois estrangeira nesta terra. Tudo se há d'olhar em vos e há-se d'esperar tudo de vos nem tão somente sois obrigada à vossa boa intenção, mas ainda à presunção que outrem há de ter dela. Culpas dadas mal [se tiram] em as donzelas. O acerto de tudo está em muito pouco, porque as pequenas são em que se põem os olhos, que as grandes, quando já se fazem, esperadas vem, e mais não se fazem senão há vez na vida. Guardai-vos, filha, de cousas pequenas, que daqui se fazem as grandes a fora que das pequenas nascem as presunções e as suspeitas, que são piores no dar das culpas, que as crenças mesmas: A boa fama, é a melhor herança que há neste mundo. Riquezas e estados, de vosso Rei cumpre que os ajais, ela só de vos mesma só. Menos trabalho parece que haveis mister, mas o fruto é certamente maior. Em toda as cousas não vos fieis de vos, nem dos homens, nem doutrem. E isto só que vos agora direi, vos lembre, filha, que vo-lo disse eu. Tudo é suspeito e pouco seguro para as mulheres até o serem santas e virtuosas, porque isto às vezes é causa dos cavaleiros serem mais perdidos por elas, e fazerem cousas tamanhas, que é fazem a elas crer o que não lhe, senão só no desejo; e este é um engano grande para vos outras senhoras, porque, de quem deseja com má intenção ou de quem deseja com boa, d'ambos são as obras iguais, [cá] este desejo é o que obriga a cada um a fazer extremos, à boa intenção ou má. Mas o feito desta culpa não se vê senão por derradeiro, quando alguém queria não nos ver; mas é forçado que seja e é lei que se não pode revogar, pois Deus só o conhecimento das intenções dos homens guardou para si para conhecerem a quem o fez de tão [desvairadas] intenções. Encomendo-vos, filha, meu amor, a Deus e olhai por vos.

Capítulo III

Em que prossegue Lamentor sua fala com Arima.

Após estas palavras, é deu um abraço grande, tomando-lhe ela a sua direita mão e beijando-lhe, [deitou-lhe] sua benção levantando-a. E tudo já era concertado e estavam cavaleiros esperando por ela, e como forçado virando os olhos para outro cabo, também como que não podia ver aquilo, a levou até a porta daquela câmara onde se expediram ambos, ficando ele e ela, indo-se. Mas já que eram apartados, tornou Lamentor a chamá-la amorosamente a voltas de a tristeza cheia de saudade. «Que me esquecia», e disse, «mandai-me, filha senhora, sempre muitas novas de vos, que não tenho outrem de quem já neste mundo as espere.» Aqui tornaram outra vez renovar o choro, mas os cavaleiros que eram já ali, foram causa de s'expedirem mais azinha do que o pranto que derradeiro começaram, demandava. Ficou Lamentor com suas tristezas.

E Arima partiu com as suas, à qual ligeiramente o caminho e novidades dele puderam fazer esquecer, senão que ela era naturalmente triste, de a tristeza já

em si branda que escassamente se podia desenxergar de honestidade, que ambas elas tinham, e antr'ambas a sua formosura que parecia melhor. Soube-o quem o viu, e só o sentiu e quem o ouviu, o creio. Era ele conhecido do pai de Arima, de quando andavam pelo mundo seguindo aventuras, e ainda amigos grandes, para que assi aquilo que havia de vir acontecer sem se cuidar, tivesse nascimento de longe não cuidado, e parece o feito com a causa dele, e sobre tudo para que Avalor fosse singular em ambos. En chegando ele, foi-se para ela o marido de Aonia, e pelo dar a conhecer, pelo seu, que muito o estimava, «Este lhe, senhora», e disse, «Avalor em quem já ouviríeis falar ao senhor vosso pai, que muito se prezam um do outro. O mais dele quero vo-lo eu deixar de dizer, porque é em tudo tão acabado que cumpriria saber dele de quem não tivesse tanta razão com ele como eu para o crerdes. Por me fazer merce, que seja sempre honrado de vós.»

Capitulo IV

Como fazendo Arima seu caminho para a corte, nele teve principio os amores d'Avalor com ela.

Arima (que ia então tão formosa, como o ela era e para o que ela não cuidava), dizendo-lhe escassamente um «si», levantou como de boa mente a estas palavras a vista encontra Avalor à maneira d'acrescentando desejo ao pedido, que muitas vezes ou vira já falar bem dele. E depois dai um pouco abaixou-os com aquele modo de imensidão que a ela só por dom especial foi dado: que conta-se que até no estar andar, enfim em todo os outros autos a tinha tão suavemente posta que bem parecia que naquele lugar estava só; por onde aquilo, e a maneira daquilo, tudo assi como passara, ficou logo escrito na metade d'alma a Avalor. Parece havia de ser, e foi.

Posto que toda aquela parte que ficou do serão, Avalor se andasse pondo em lugar, que a pudesse ver, com tudo nunca a p"de tornar a ver e assi se foi para a pousada onde, depois de deitado, a noite que se seguiu, com aquele cuidado não podia dormir. E porque ainda ele não tinha determinado consigo querer Arima bem d'amor (querendo-lhe já sem o ter determinado), como anojado de si consigo, muitas vezes fazia por dormir e não creia ele que há vez só que vira a Arima, é podia ocupar tanto o tempo e tanto o cuidado, que é tolhesse o sono.

Mas não era assi como ele cria. Tamanho poder sobre ele só foi dado a um só p"r d'olhos e abaixar! Porém desencontra a manhã adormeceu e por sonho parecia-lhe que estava falando consigo dizendo que como o não deixava dormir aquele pensamento, se ele não podia querer bem a Arima, pois era tão preso d'amor noutra lugar.

Capitulo V

Em que conta quem fosse a senhora deserddada a quem Avalor seguia d'amores: e do mais que é sucedeu.

E era assi. Que na corte andava naquele tempo a senhora a que por morte de seu pai tomaram terras que ela devia herdar, e viera ali pedir ajuda a cavaleiros para encontra quem tamanho torto é tinha feito, e Avalor [servia-a] encobertamente,

que pela muita honra que é el Rei fazia, parecia caso de menos acatamento querê-la servir de amor cavaleiro que fosse vassalo seu. Era esta senhora mais formosa para entre homens que para entre mulheres, de as feições grandes naquela grandeza bem postas, porém sobejava na graça do seu ar que derramava por tudo o que ela fazia ou dizia, de maneira que quem a visse, mal que é pesasse, a havia d'aprazer. Mas estando assi Avalor no seu sonho representou-se-lhe ver a donzela vir tão delicada que parecia não poder viver muito. Ela chegando-se para ele a passos vagarosos e tomando-o pela mão é dizia, apertando-lhe: «Cavaleiro, saberás que há ai vontade por força d'amor, e outra por amor forçado dada. Podia ser isto assi, se um castelo cercado se desse ao conquistador, por mais não poder fazer, outro se desse só por se querer dar, não daríamos que não tinham ambos vontade de se dar, mas porém diríamos que ao primeiro foi o querer forçado que deu a vontade, ao outro o querer [forçou] a vontade que deu. Esta é a diferença, que estás cuidando sem se [declarar] pondo grandes cousas por pequenas. A outra tomou-te, a Arima tu te é deste. Tinha-te preso o corpo, e a outra, quer queiras quer não queiras, te ha de ter preso o corpo e alma para sempre. Por só te dizer isto parti donde parti. Mas para que estas guardado da Arima.» Por sonhos parecia-lhe Avalor ir-lhe perguntar de que estava assi tão magra (de dó dela não se pudera lembrar doutra cousa), e respondeu ela: «Não deveras querer saber a causa, porque nunca hás de ser mais ledado, quando o souberes. Nos espíritos somos criados como a vontade de cujos havemos de ser, e porque me perguntas, sabe-te que a Arima alta determinação possui sua vontade. Isto te não quisera dizer, nem por sonhos, que em toda hora sei que te foi dado este cuidado, que o que te parece fazer dor em sonhos, verdade te parecerá.»

Capítulo VI

Em que Avalor prossegue no conto do que dormindo sonhara que vira.

E assi é desapareceu com um ai grande. Aqui acordou Avalor e vendo a manhã clara achou a cama cheia de lágrimas que chorara de dó que houvera daquela donzela do sonho, que assi delicada como vinha, tinha lá naquele desfalecimento de carnes posta a sombra de formosura, que não parecia senão que ficara ali doutras muitas infindas cousas que se é foram. E ainda assi acordado cuidando nela, se é estavam enchendo os olhos d'água, mas depois d'infundo tempo o magoou isto verdadeiramente; cá então ocupou-lhe só cuidado, maravilhando-se muito daquilo que é dissera acerca do amor, porque quanto mais cuidava nisso, mais é parecia ser assi. Estando muito metido por este pensamento, em uma cousa acabou de confirmar de todo, que aquela senhora deserdada (que assi se chamava então) nunca é lembrava, senão porque desejava de a ver, e nunca cuidava nela senão de como a vira. Porém com tudo, porque é tinha altamente [embaraçada] a fantasia a senhora deserdada, não podia cuidar consigo de todo ainda então que poderia deixá-la por outra, mas ela na verdade só era a que o não deixava poder, e por isso durou tão pouco como durou. Quem quer bem a alguma pessoa, que lhe ela quer ou por que ela faz por onde lhe queiram, logo deixa de lhe querer, como falecem os meios por onde, mas quem o quer só por o querer ou por quem o quer, a este não pode nunca de todo falecer o querer, e ainda que o contrário pareça, alonga-se, mas nunca se tira nenhum amor. Porém com tudo, como comecei a dizer, abastou o que Avalor queria à senhora deserdada para então não cuidar que

poderia deixá-la, e por isto vendo-se da outra parte perseguido da lembrança da Arima como manincoreu de si determinou não ir ao passo tão azinha, cá cuidava ele que assi poderia esta refeita partir.

Capítulo VII

Como estando Avalor muito cuidadoso em seu cuidado, viera co'ele ter um cavaleiro seu amigo: e do que ambos passaram.

Passou nesta determinação aquele dia, e mais o outro, mas quando veio o outro estando na cama, cuidando também no que não podia deixar de cuidar nunca, entrou pela porta da câmara um cavaleiro seu amigo dizendo-lhe que se levantasse azinha, iriam ao passo, que partia el Rei e a Rainha para a cidade do sertão com toda sua corte, e já era casi concertado tudo para a partida. Então se ergueu Avalor, e querendo-se perceber para o caminho vieram a grande presa chamá-los que partiam já. Foi forçado a Avalor ir assi por entoncos só para sair te fora da cidade, e tornar-se aviar de caminho, e acabar algumas cousas que tinha ainda por fazer. Mas esta sua determinação saiu-lhe doutra maneira, como tudo o que há nele.

Chegando, a senhora Arima estava já de mula e ainda ele bem não parecia acolá, o via ela dali com a vista e com as maneiras dela o começava agasalhar. Chegou-se Avalor para ela com grande acatamento e ela o recebeu gasalhosamente começando-lhe a dizer que sabia já novas cousas dele. Respondeu-lhe Avalor que dele não podiam já elas ser, pois não eram muitas. Abalou a Rainha nisto e começaram a caminhar. E aqui passaram muitas cousas que me a mim não lembram, senão que enfim é viera Arima descobrir que eram cousas da senhora deserdata, e Avalor não lhe negou, que até aquilo não é podia já negar. Fazendo-se ela muito da sua banda, cá havendo dó dele, é prometeu que o que nela fosse faria de boa mente, que pelo ver contente tudo é seria leve de fazer. Estes oferecimentos é fazia ela, e dizia com aquela graça e com aquele ar que só no seu tempo se viu nela, mas para a cousa os fazia ela, e para outras cousas se faziam eles; que Avalor todo via e olhava com os olhos que é punham tudo na n'alma e no coração. E acabando ela de dizer lhe cousa, ficava-se ele logo lembrando-lhe de como lhe dissera, tornava ele dizer-lhe outra e ele lembrava-se daquela outra. Assi fez todo aquele caminho e assi foram eles ambos, namorando-se ele só dela, e donde ia para no mais que até sair da cidade, foi até sair de si, e não se precatoou, senão quando se achou já com a jornada acabada vendo que se queria já Arima despedir dele (que noutra cousa o não conheceu). Mas ela que também conheceu que não vinha nos trajos para tão longe caminho, «Parece, Avalor», é disse, «que não vínheis para tão longe.» «Senhora, não cuidei que vinha», é respondeu ele. «Não vinha com intenção de ir mais que até fora da cidade um pouco.

Ainda que também assi não sai de minha intenção, porque te quis bem pouco me pareceu.» «Pouco?», é tornou ela, indo já para se descer, «também me parecera a mim senão viera convosco», e assi se acabou de descer. Avalor por isso não teve tempo de [lhe] responder nem ficou para responder ainda que o tivera. Tão embaraçado o deixou aquela resposta, que escassamente é lembrara despedir-se dela, se ela não despedira dele, cá por ser já de noite, foi vedado aos cavaleiros apearam-se. Tornou-se Avalor, mas não por onde fora que perdeu o caminho ao tornar com a noite escura que fazia. Cuido eu verdadeiramente que é foi aquilo remédio para cuidar menos com aquela ocupação e chegar com o sentido para onde

tornava; cá se viera pelo caminho direito, ou chegara ou não. Mas a ele a perda do caminho não é lembrava senão a dos lugares que houvera de ir vendo pelo caminho; e ia-os segurando consigo, por aquele por onde ia muitas vezes. Assi enganado ou transportado se detinha neles [pelo qual] não chegou donde partira senão ao outro dia alto, com quanto andou toda a noite, que mais levava perdido que o caminho.

Capítulo VIII

Da prática que Avalor teve com a senhora Arima quando tornou a corte.

Quando ele já tornou, estava a corte aposentada naquela outra cidade.

Mas chegou a um dia e a outro foi ao passo, e porque o não levavam lá outros desejos, ainda bem não foi tempo da entrada no aposentamento da princesa, já ele lá era. Querendo-se por a princesa à mesa vieram todas aquelas senhoras donzelas suas que d'alto sangue e estado eram, (que filha muito prezada era del Rei), e depois delas todas vindas, cada a como mais azinha p"de, viu Avalor dai a bom pedaço, só, muito derradeiro de todas, vir Arima tão devagar, que parecia que ainda então vinha muito cedo, senão que isto não podia parecer a ele só. E como ela o abrangeu bem dos olhos, veio a por-se acerca dele, recebendo-a ele com as acolhenças, como que a não vira dias havia. E depois d'estar assi acerca dele, é esteve a meia vista perguntando manso: «Donde tardastes tanto, Avalor? Que todo este caminho vim a olhos longos por vos.»

«Quando vos deixei, senhora, (lhe respondeu ele) perdi o caminho ao tornar.» «Folgo muito» (lhe respondeu aqui ela) «que cuidei que eu só era a que perdera em me deixardes.» Estas palavras que ela a boa parte dizia, ensoberbeceram e enlevaram tanto a Avalor, que o puseram em condição de é descobrir logo sua vontade; e se não fora pelo lugar, pareceu-lhe a ele que lhe descobrira. Mas pelo que depois pelo tempo neste mesmo propósito aconteceu, mostrou ser isto, como dizem, coração de pousada. Levantou-se a mesa e veio-se para eles a outra senhora, amiga grande de Avalor. E aquele meio tempo te se recolherem (que não foi muito pouco), passaram todos três noutras cousas, pela qual parte casi foi ele dali tão carregado, como nunca ainda se achara. Porque depois de é aquela outras palavras ter dito Arima, viu que falou em tudo o que falava, tão posta naquilo que parecia que estava toda ali, ou que ao menos não estava em outra parte com o pensamento, o que é fez suspeitar a ele que o que é ela dissera, não seria senão de sua grande perfeição. Tão acabada e tão gentil dama era em tudo o que ela queria ser, como não era nunca dantes; porque se o dissera na intenção que ele o queria tomar, cuidava Avalor, estando consigo, que trabalhara ela pelo descobrir em algumas meias cousas, depois daquela outra senhora [vir]. Cá bem sabia ele já que os desejos começados a declarar, muito mal sofriam dissimulação depois. E porém com tudo não querendo nem podendo deixar já d'enganar a si mesmo, com aquela ocasião de aquelas palavras que por si tinha ou por si entendia, determinou dizer-lhe como a visse. E com esta determinação tornou aquela noite ao passo, e [não na] viu. Mas ao outro dia tornou lá, e viu-a vir daquela mesma maneira que da outra vez, e parecendo-lhe então tão nova cousa aquela mansidão haver após tanta presa das outras, como se nunca a vira vir, se pôs a olhá-la. Assi que isto tinha ela que ainda nunca ouvi dizer que o tivesse outra: a cousa, posto que muitas vezes a fizesse, cada vez que lhe viam fazer, parecia a

quem lhe via que era a primeira. E com aquelas suas acolhenças que nunca mais saíram da memória a Avalor, se veio também para junto dele, mas daquilo tudo que ele determinara, tão pouco é disse nada, posto que espaço de tempo grande com ela estivesse então, senão que a ele pareceu tão pequeno, que foi dali cuidando consigo que pela mingua do tempo lhe não dissera. Mas não era por isso, que outras vezes tornava muitas a falar com ela, e também nunca lhe disse, hora é parecia que se aquilo não fora que lhe dissera, hora se não fora aquele outro; e quando não achava a quem se tornar, nunca é deixava de parecer senão que é falecera tempo. E a verdade era o que é ia parecendo, mas não da maneira que ele cuidava, que depois sucederam cousas que te tempo para perder não teve. Então conheceu minguas, quando conhecê-las é não podiam prestar para mais que para o magoar. Mas assi parece que havia de ser, porque por derradeiro, com acha que disto e daquilo, andou todo um ano de dia a dia que é não falou em nada de quanto determinara, e sempre é pareceu que não ficava por ele, mas que não podia mais ser. E já quando veio lá ao cabo do ano, mais diligência punha em buscar desculpas para consigo só, por onde cuidasse que não pudera ser, do que punha em buscar outras cousas. Entre tanta dúvida o traziam amor e temor. Mas a cousa contam dele maravilhosa: que é queria tamanho bem, que nunca entendeu que lhe deixava de dizer com receios que teve de dizer-lhe; que no querer bem antigo e velho é o receio em todas as cousas, mormente nesta em que se deve anojá a pessoa bem querida, que como seja nojo daquela a quem desejais em cabo dar prazer, receá-lo mais, pois é o primeiro passo entre dous que se bem querem, em que se mostra o temor, e por isso parece maior ou é como em cousa primeira. Mas ele isto não no entendeu, ou queria, parece, tanto a Arima que de quanto havia no seu bem querer, não parecia senão a ele. Só o receio obrava o que havia de obrar, e o querer grande tornava aquilo a outros acha que. E sabeis quanto é podia ir de o não entender a entendê-lo, que se o entendera, pudera buscar maneira para saber, se perderia o temor de anojá-la, se lhe dissesse. Cá ela tinha amigas grandes que o eram também de Avalor, e mal pecado já então seria descoberto aos homens o que as mulheres lá entre si faziam. Tudo isto ouvi eu falar muitas vezes a meu pai que em tamanho grão o alçava o amor deste cavaleiro, que jurava em sua fé nunca ouvir nem ver outro tão estremado em bem querer. Cá morreu pela Arima, e por lhe não dizer. Mas suspeitou que o soubera ela, pelo que fez depois de o saber, e p"de e não p"de ser, como podereis depois cuidar.

Capítulo IX

Do gentil passo que teve uma dama amiga grande d'Avalor acerca d'uma queda que deu na sala da princesa.

Agora torna a Avalor que em tanta fadiga andava consigo posto naquele extremo do ano, donde dantes sempre achava cousas em que falar com Arima, já então havia grande tempo que, como se via com ela, tudo é falecia, e como a via, transportava-se. Foi acerto que estando a vez a princesa na sala com todas suas donzelas e muitos cavaleiros em cousa de prazer, ele se acertou então d'estar a um cabo da sala, só, com os olhos postos naquela parte por onde havia de vir Arima, se viesse; que ele não perdia a esperança nunca por tarde, quando ela se costumava perder, antes então a tinha mor. Era diferente do bem dos outros cavaleiros o que é ele queria, e assi, parece é eram dadas as esperanças diferentes das que se

costumavam ter. Mas estando ele assi todo encostado a um canto, viu vir Arima, e desacordando-se da força ou não podendo [suportar] a carga (de seus olhos, grande, como dizem que ele disse depois), caiu. E como ele fosse mais alto de corpo do que havia então cavaleiro seu igual, deu [tamanha] queda que toda a sala abalou. Algumas pessoas ouve [ai] que suspeitaram a verdade, mas estavam também ocupadas em seus pensamentos. O que se suspeitou, não se ateou. Porém não tardou muito que dali não nasceu todo pesar e todo o dano de Avalor. E porque não há mal que não ache caminho por onde venha a quem ele esta para vir, aconteceu por acerto estar então com a senhora, amiga de Avalor, um cavaleiro d'alto sangue, mas de baixos pensamentos, de que teve nascimento todo o dano depois; que aquela senhora, como fosse amiga grande de Avalor e acostumasse sempre a festejá-lo com recados, é mandou então por um pajé a perguntar que é mandasse dizer de que tão alto caíra, que tamanho estrondo fizera. Respondeu-lhe Avalor que do seu cuidado. E afirmou então o cavaleiro entre si a sua suspeita. E dai a um tempo disse que Avalor servia secretamente a Arima, e que amizade d'ambos era dissimulada. Isto foi dito em parte que o veio saber Arima, mas como ela da sua intenção estivesse segura e da outra de Avalor não soubesse ainda nada, não pôs mentes naquilo de todo, antes o teve por mexerico. Mas com tudo, como a suspeita que entra a vez em alguém, nunca de todo se perde, ainda que se não creia, ficou a Arima só há lembrança d'olhar mais pelos feitos e pelos ditos de Avalor, que estavam bem claros, para quem olhasse para eles. Como de feito olhando ela, viu folgar d'estar com ela Avalor, calando-se ao perder das cousas em que falavam, noutras o perder dele, e nunca saber-se expedir ou tirar os olhos dela, e pô-los a furto, e aqueixar-se d'ela nunca parecer, e de fora, aparte, o seu andar só, o seu cuidar sempre, o seu falar espedaçado, falando entre muitos, e logo o seu transportado silêncio. Viu também que assi tinha Avalor notadas todas suas cousas, que a uma parte havia de ir a princesa, que ele já não estivesse naquele lugar, para onde a condição sua dela mesma havia [d'inclinar], e que sempre se punha de maneira, assi no estar como nas idas dos caminhos, que se fizesse acertado com ela, fazendo isto de feição tão segura, que muitas vezes a ela mesma que olhava por isso, metia em duvida de cuidar se seria aquilo d'acerto, se a sabendas ordenado; mas ele fazia-o sempre, e por isso não podia parecer d'acerto. Sobre tudo atentou no afrouxar da fama, que dos amores da senhora deserdada tão acesa só ia d'andar, que não murmuravam as gentes d'al, e que às vezes Avalor, de tarde em tarde, se punha em lugares descobertos naquela opinião, como que queria sustentar presunções falsas que se perdiam para com isto cobrir outras verdadeiras. E pareceu também a Arima que seria ele sabedor do que é a ela disseram acerca de servi-la encobertamente, e que por isso o fazia assi. Mas ele não o sabia na verdade. Todas estas cousas e outras que não são escritas neste livro, trouxeram Arima grande tempo em muitas e diversas dúvidas, cá também a ela é era caro o partir daquela amizade (tanto pode o amor consigo). E por derradeiro estando ela a vez de dentro de a janela acaso acertou Avalor passar por a varanda sobre que ela caia, e vendo-a só, estar virada para aquela banda dele, deteve o passo e sem fazer outra cousa se pôs todo a olhá-la. E cuidava ele que pelo ela não ver que furtava assi aquele tempo para vê-la melhor, porque doutras vezes que a sabendas a via, não podia faltar os olhos dela como desejava, sempre se espidia com tantas cousas por é olhar, que é parecia indo que a não vira. E isto, além de ser assi, porque é assi, era também porque com o desejo as cousas muito desejadas, ainda que se alcancem, assi os satisfazem que os acrescentam. Não é como vontade que, satisfazendo, se tira. Mas Arima que muito bem o sabia e o viu vir, dissimulando fez

que o não vira para ver em que parava aquilo, e determinou parar-se assi sem falar, que as cousas de Avalor juntas a seu alto segredo a traziam tão desejosa de o saber como isto. E depois de se deixar estar assi um grande pedaço, que o sentiu tão pronto em a olhar, calando-se, confirmou o que era, porque bem sabia ela que não podia ai haver amizade tão dissimulada. E virando para ele o seu rosto à maneira d'encendido com a delicada flama, a fora de manincorea esteve um pouco toda posta, e os olhos postos nele, e casi virando-se com a vista, e com seu bem aposto corpo, indo-se, é disse: «Ou me vos tendes errado, Avalor, ou me andais para errar.» E carregando estas palavras com a graveza de presença agravada, se tirou de todo e indo-se seu passo quedo, verdadeira no andar pareceu ela a Avalor que ficou como podereis cuidar, que dizer-vo-lo não poderia eu. E para o magoar ainda mais, fartou os olhos daquele ir-se assi. Mas tão cortado ficou daquelas palavras, que o tomou ali a noite, e mais acontecera, se não fora por um seu amigo que, passando, o saudou e acordou do cuidado em que estava. E vendo-se ele em lugar que poderia nascer alguma suspeita que trouxesse dano a Arima, que de si é não dava nada, se foi para sua pousada onde esteve muitos dias sem tornar ao passo. Depois mandando-o chamar afincadamente a senhora, grande sua amiga, foi ele lá, e ela tomando-o de parte é disse: «Prometei-me segredo e dir-vos-ei cousas em que vos vai muito a vos e a outrem que vos amais e prezais ver.»

«O segredo», é respondeu ele, «e devido a toda as cousas vossas e por isso sobejo seria prometer-vo-lo eu. Em a me podeis mandar de novo.» «Sempre, Avalor», tornou ela, «eu fui em tudo segura, de vosso segredo não desconfiei agora, mas quis vo-lo lembrar. Não me negueis que quereis bem a senhora Arima, que nem eu quero que mo confesseis, pois determinastes encobri-lo. Mas fique entre vos isto assentado, e não quero sabê-lo de vos por não ofender vossa determinação. A vos não vos pese de vo-lo eu ter sabido por não ofenderdes a confiança que em vos tenho posta, nem cureis negando-me agora fazer-me as vossas obras duvidosas, porque eu o tenho há muito crido: Que querer bem, e não verdadeiro, pode-se dissimular e fingir, mas dissimular ou encobrir o bem que quer alguém, nunca ninguém o soube fazer, que o quisesse verdadeiramente. Passo por aqui, que não quis dizer isto para mais. Eu desejo tanto vosso contentamento como vos mesmo, e não me pesa de quererdes seguir propósito desta feição, senão porque não posso tomar campo por vos, ainda que assi encobertamente também vos sirvo alguma hora, como em algum tempo sabereis, que ainda d'ambas estas duas poucas esperança devemos ambos também ter, segundo a aspara impressa que tomastes, em que receio muito de não aproveitar em nada, e vos de acabardes primeiro a vida que a ela cobreis; cá pelo que tenho sabido da longa e muito estreita conversação da senhora Arima, em que vos sois ou não sois culpado, não digo nada. Vim eu a saber que não a senhora vontade minha. Nunca tão livre cousa vi. Muito há que vos eu tinha para tamanha opinião, porque vos e vossas cousas infindo tempo há que a grandes desastres vos obrigam. Sempre nos vossos feitos vos prezastes de [não] ir por onde os outros e assi enfim vos namorastes. Verdade é que ela é muito formosa e acabada em tudo, mas é tanto do outro mundo, que não é para ninguém se namorar dela, que o querer bem, ou nasce das esperanças, ou sem elas. A vos só vos aprouve entrar em guerra desesperada, e não o negueis, que bem parece que sem esperança é quisteses bem, pois todo vosso trabalho não foi senão encobri-lo ao mundo e a ela mesma, o que eu nunca crera, se o não vira com os meus olhos. Não vos espanteis disto que digo, porque dos homens foram todo os pensamentos descobertos só às mulheres por segredo especial.»

Capítulo X

Do que mais que Avalor passou na prática com aquela senhora amiga sua.

Aqui não se p"de Avalor ter, que é não falasse dizendo: «Perdoai-me, senhora, que não é em mim deixar-vos acabar isso, que não sei que as para dizer-me, não quero nem tão sois ofender meu cuidado com a presunção que de só calarme pode ficar-vos. Não falemos mais nisso, se me alguma coisa estimais.» Tomando-lhe ela então as mãos com as suas amigavelmente, «O que vos a vos compre», é tornou ela, «não posso eu deixar de dizer, ainda que vos disse pese; porque esta só diferença tem a nossa amizade das outras: olhar eu mais o que vos cumpre, que o que vos apraz. Isto que me vos agora quereis negar, sabem-no já cá todas estas senhoras. E por isso vos perdão eu só o encobrires vos de mim, pois assi o quisestes ou não quisestes ter em segredo. Mas isto é ainda nada para o que eu vos quero dizer.» Contam que então se chegou ela à orelha de Avalor, e o que é disse ou não disse, não se soube então. Mas dai a poucos dias o que ele por isso fez. Ouvi eu dizer que não deve ser concertado entre donzelas por se não arreperderem dos seus contentamentos ou ao menos não haverem inveja dest'outro. Abasta que a senhora Arima foi só a quem as fadas com os olhos cheios olharam, porque não tão somente foi acabada em si, mas em quem a desejou, e se a ventura quisera fazer alguma obra ou deixara fazer alguma coisa perfeita, em a qual vem a desigualança, ou das vontades ou dos tempos, nunca poderá ter lugar, fora sentir a senhora Arima que se servira sequer dos pensamentos de Avalor.

Capítulo XI

De como o pai d'Arima a mandou levar da corte e ida ela Avalor desapareceu.

Só se, e foi certo depois naqueles que razão tinham de o saber, que posto que assi fosse aquele grande feito de Avalor, que tudo se torna em louvor da senhora Arima. Com tudo porque só deu causa a que se falasse nela, o sentiu tanto que muitos dias infindos chorou muitas lágrimas, e se não fora por não abrir caminho a más presunções, ela caíra em cama. Mas assi penadamente se susteve o melhor que p"de e pior que podia ser. E afirmasse que de as cousas em outras nasceu um aborrecimento à senhora Arima de uns modos que ai há no passo, a desejar outra vida muito desviada, à qual se foi encrinando muito. E de sua longa determinação se falou, e se deixou depois de falar, porque o bom velho de seu pai, depois de a ter em casa consigo, fazendo-lhe em tudo a vontade assi a foi fazendo ao que quis. Mas da sua ida e de como Avalor também após ela se foi, não se soube então inteiramente mais que por um cantar que daquele tempo ficou que diz:

Pela ribeira dum rio
que leva as águas ao mar,
vai o triste de Avalor;
não sabe se há-de tornar.
As águas levam seu bem,
ele leva o seu pesar.
Só vai e sem companhia,
que os seus fora deixar;
que quem não leva descanso,

descansa em só caminhar.
Descontar onde ia a barca,
se ia o sol abaixar;
indo-se abaixando o sol,
escorraçasse o ar:
tudo se fazia triste
quanto havia de ficar.
Da barca levantam remos

e ao som do remar;
começaram os remeiros
do barco este cantar:
«Que frias eram as águas!
Quem as haverá de passar?»
Dos outros barcos respondem:
«Quem sabe quem é bem amar,
e quem a vontade pôs
onde a não pode tirar.»
Trás a barca o levam olhos
quanto o dia do lugar,
não duram muito que o bem
não pode muito durar.
Vendo o sol posto contra ele,
soltou os olhos ao chorar,
soltou rédea a seu cavalo
da beira do rio a andar.
E a noite era calada
para mais o magoar;
cá o compasso dos remos
era o do seu suspirar.
Querer contar suas mágoas
seria áreas contar.
Quanto mais se iam alongando,
se ia alongando o soar;
de seus ouvidos aos olhos
a tristeza foi igualar.
Assi como ia a cavalo

foi pela água dentro entrar,
e dando um longo suspiro,
ouvira longe falar:
«Onde me águas levam alma
vão também o corpo levar.»
Mas indo assi por acerto
foi c'um barco n'água dar
que estava amarrado à terra
e seu dono era a folgar.
Salta assi como ia dentro
e foi a amarra cortar;
a corrente e a maré

acertaram-no ajudar.
Não sabem mais que foi dele,
nem novas se podem achar.
Suspeitou-se que era morto,
mas não é para afirmar,
que não no embarcou ventura
para isso o só guardar.
Mas são as águas do mar
de quem se pode fiar.

Capítulo XII

Da grande aventura que sucedeu Avalor em sua partida embarcando-se naquele barco tão incerto donde poderia ir parar.

Depois por anos como uma cousa é encoberta ao longo tempo, se soube a história dele e juntamente dela, e foi desta maneira: Parece que a sua desventura de Avalor (que assi é chamo eu) deu com ele para aquela banda para onde era levada a senhora Arima, que esta nossa seria então, donde sobre o mar se empinava um erguido rochedo. Veio naquele pequeno barco aportar. A manhã do outro dia antes de romper a alva e ao rugido grande das ondas que o mar com furioso ímpeto quebrava na penedia daquela alta rocha, se acordou Avalor: «Que seria aquilo?» e atentando para mais se afirmar ouviu a voz como de donzela que dentre os penedos parecia sair, dizendo: «Mesquinha, coitada, triste de mim!» Afirmou-se ele com isto que era em terra, e posto que logo aquela voz o movera à paixão, com tudo porque ele trazia consigo outra maior que o havia mister por então mais, foi-se-lhe afigurar que era aquela terra donde saíra, e dispondo-se o melhor que p"de como menencoreu de si e de sua ventura, tornou a tomar os remos com aquelas mãos que já naquela viagem eram feitas em polas muitas vezes e outras tantas as empolas desfeitas em vivo sangue. Mas por muito que Avalor trabalhou, nunca p"de vingar as ondas que o chamavam a terra, e eram já, quando se ele acordou, apoderadas do barco, e não no vendo ele pela ocupação que consigo e com os remos trazia, não se percatou senão quando a alta onda, que a ele e ao barco todo d'escumas encheu e deu com ele através de uns penedos que em diversas partes o espedaçaram. «Valha-me Deus!» dizia ele. Acordadamente lançou mão rijo de uns penedos que ao mar sobejavam com um tamalavez. E a água fazendo um estrondo medonho se espalhou indo por entre aquela penedia, e parte dela quebrando naquela alta rocha, as gotas do mar lançou para o céu e da força ou reverberação do ar, ou do que quer que foi, se faziam como candeias, e nisto em breve espaço se tornou recolhendo toda aquela água para o mar que a esperava, vindo já de lá do pego encapelando-se como que se armava para se vingar daqueles penedos que estorvo é faziam às suas águas. Mas posto que já rompia a alva e luz e tempo tivesse Avalor para ver tudo e guardar-se, ele não no fez assi, nem se lembrou tão sois de o fazer que era ainda mais. Antes virando ele os olhos descontra o longo mar que com a claridade da [luz] os podia bem entender com a vista já enevoadas, dizem que disse assi: «De tanto [mar] cansado tanto sobeja ainda do mar.» E aqui ocupado da paixão, desejando, parece, acabar, já vendo as ondas outra vez consigo, soltou as mãos do penedo dizendo: «Pois o corpo é sem ventura, não quero que tolha mais o caminho à alma.» E assi se entregou todo às águas do

mar, que pela ventura houveram dele piedade, que contam que também moram nas águas cousas que guardam religião. Donde Avalor cuidara morrer, dera prestemente com ele por um encheu que por a parte daquele rochedo se fazia e espraia longe ao mar.

Recolhidas que foram as águas, ficou ele assi deitado naquele areal por muito grande espaço, e havendo-se por morto; porque com a decente da maré que já então era, não tornou mais chegar o mar a ele. Contando ele depois isto a um seu amigo grande, dizem que é dizia que nunca tão contente se achara, parecendo-lhe que andava lá com a senhora Arima, ouvindo-lhe falar aquelas palavras vagarosas que parecia dizerem-se para sempre e via-lhe aquele mover de sua boca, que só aos olhos dele outro tempo fizeram presunção de serem tão mortais, e dai olhava os seus dela como docemente se estavam à sombra daquelas sobancelhas, onde parecia só descansando estava o amor. Mas ele nesta deleitosa imaginação tornou ouvir outra voz com aquelas palavras doridas que dantes ouvira e a elas abrindo os olhos viu como estava já o mar arredado dele, e achou-se vivo. Pelo que disse mal por muitas vezes a quem é houvera inveja a descanso tamanho, nem podia cuidar que seria aquilo, porque sobre ele ser tão sem ventura ainda havia maneira por onde pudesse viver. E olhando os penedos donde viera ou donde o trouxeram, muito mais se maravilhava que era longe. Cercado assi de esta fantasia ouviu como alguém falar-lhe à orelha ou dentro dos ouvidos dizendo: «E não te acordas, Avalor, que o mar não suporta uma cousa morta?» Olhou ele então, se via quem é aquilo dizia, que tão pegado à orelha lhe dizia, e não vendo ninguém e tornou outra vez falar assi: «Que me queres, que em balde trabalharas de me ver, se eu não quiser.» «Queria te perguntar», disse ele, «quem és? E que quer dizer isso que me deixaste, que de não ser assi como dizes me pesa a mim muito.» «Quem são?», respondeu, «Seria detença grande para ti que tens muito para andar, que para mais longe vás do que cuidas. O que te disse é verdade, porque não viver, ser morto lhe.»

Capítulo XIII

Do que passou Avalor com a sombra que é falou e da resposta que deu.

Satisfez tanto esta reposta a Avalor, que é dobrou muito mais o desejo de saber quem era e disse-lhe assi: «Se alguma cousa te pode contentar, por ela te rogo que me queiras dizer quem és.» «Pudera», respondeu, «na sanificarão doutro tempo contentar e não quis. Mas perdoai-me, que dizendo-vos quem são, ofenderia assi o grande bem que quis e ainda quero, pois do estado em que são aqui, ao que eu devera ser noutra parte, não há outra cousa se não culpa daquela a quem na eu não queria dar nem assi contando-vo-lo.» E aqui dando um grande ai longo se foi dizendo: «Triste de quem se não pode enganar já.»

Capítulo XIV

Como aportando Avalor naquela terra onde por grande ventura foi ter, indo cuidando n'aspereza dela, achou a donzela atada ao pé da árvore e a livrou.

Ficou Avalor assi atônito por aquilo tudo que ouviu, e por aquelas derradeiras palavras que o muito magoaram, porque nelas quem quer que ele era,

namorado e pareceu. Tornou outra vez ouvir muito doridamente aquela voz dorida que dizia: «Coitada, mesquinha de mim!» e com o sol que já então era de todo fora de sua pousada oriental, atinou para onde seria e determinando ir lá se ergueu indo. Mas com os olhos e tudo no mar foi assim até que cumpriu ocupar as mãos e vista na aspereza do caminho que por aquele rochedo é conveio fazer, para ir onde ouvira aquela voz a qual tornou, indo assi, muito mais afincadamente ouvir. E sendo ele acerca de uns arvoredos grandes que sobre aquela alta rocha muito mais altos estavam, ainda olhou e viu ao pé de a antiga árvore estar com as mãos atadas a donzela, segundo pareceu, nos cabelos que soltos tinha e toda a cobriam. Mas não se afirmou logo, se o era, porque os cabelos é cobriam o seu rosto. Mas chegando-se ele a ela então perto, dos seus olhos viu-a com seu rosto formoso, banhado todo em lágrimas piedosas que dos seus olhos verdes e grandes ainda as carreiras pelas suas faces mostravam. E nisto pondo ela os olhos seus formosos nele, «Valei-me, senhor,» é disse, «que assi vos valha quem mais quereis.» «Isso, senhora,» (lhe tornou ele) «farei eu de mui boa mente.» E em voltas destas palavras levando da sua espada cortou a grossa atadura com que atadas as mãos tinha. Querendo-se ela erguer, de fraca não se p"de ter, e foi para cair, e ele acudiu prestemente e tomando-a nos braços mansamente, a assentou em um verde prado que sob aquele alto arvoredo se fazia de que se descobria o grande mar. E cortando-lhe das ramas daquele arvoredo, lhes pôs sobre a cabeça dizendo: «Melhor vos quisera eu servida, senhora, mas não sois vos só a [mal-aventurada]», e com estas palavras que Avalor dissera com a vista já no mar que daquele lugar se divisava longe, não se p"de ter que nos olhos se é não descobrisse a tristeza que a lembrança sobre ele trazia doutra parte, no que conheceu aquela donzela que namorado devia ser. E tomando boa esperança do que já em si cuidara, porque logo é pareceu cavaleiro, ainda que armas nem cavalo trouxesse, e é disse assi. «Ainda que as minhas mágoas foram tamanhas que me não deixaram lugar nem para tão sois cuidar no remédio delas, com tudo boa esperança tomo eu de vossa vinda aqui para valer-me, pois foi já quando por muito pouco que tardareis, não me podereis valer», e após estas palavras que já começava banhar-se em lágrimas, acrescentou: «Mas mesquinha de mi, que assi morrerá e estivera fora já de tamanhos cuidados». E aqui com um choro grande acabou. Avalor, ainda que bem tinha que acudir a si, foi-se a ela dizendo: «Deixai, senhora, por merce, as lágrimas, se me haveis mister para algum serviço. Que eu das tristezas que padeço, aprendi socorrer aos tristes, por isso não haveis mister mais para comigo que o meu mal.» Esforçando ela os espíritos a esta palavra, cansada assi como p"de, é respondeu: «O dom recebo em merce, que bem mister o hei para a culta a que desastres grandes me trouxeram.» E aqui dando um suspiro quisera falar adiante, mas Avalor que a viu tão cansada e que escassamente podia acolher o fôlego, é pediu que descansasse um pouco. Fê-lo ela assi. Neste meu tempo olhou para Avalor e viu-o também triste, não já mais que dantes, mas mais agastado, e na verdade era assi, porque lembrando-se ele da empresa com que ia, pesava-lhe estando ter-lhe prometido seu serviço. Mas vendo-o ela assi, não se p"de ter que é não perguntasse, porque estava daquela maneira. Respondeu-lhe ele outra cousa da que cuidava, e disse que estava cuidando que terra seria aquela em que estava, porque nunca viera por ali senão então, que aos seus brados acudira de longe.

Dizendo-lho ela [creio-o], porque daquele alto bem vira já que estava em terra firme; pelo que, forçado do desejo saudoso de ver a senhora Arima, tornou encontra a donzela, por ver se poderia fazer mais curto o tempo que ela havia d'impedir, e disse-lhe desta maneira: «Tão cortada e magoada vos vejo, senhora,

que s'eu posso servir-vos sem tornar a magoar-vos, contando-me vos vosso nojo, muito folgaria: porque assi faríamos menos o tempo de vosso socorro, e pela ventura d'ambos.» Rendeu-lhe ela suas graças e disse-lhe: «Não deixarei, senhor, de vos contar minhas desaventuras, que para o que haveis de fazer por mim cumpre muito; cá, se a demanda é justa, ajuda o esforço de quem a sustem. Mas serei nela breve, pois para ambos, como dizeis, releva.

Capítulo XV

Em que a donzela persegue sua prática dando Avalor razão da causa de sua prisão.

Acerca de a ribeira grande que dizem nasce nas manchas d'Aragão, nasci eu em um castelo que de toda as partes do derredor de que se vê, parece estando senhor de quanto vê. Fui criada em esperanças grandes com outras minhas irmãs, para que elas foram criadas, e de todas sendo eu a mais pequena e não menos formosa, fui escolhida para servir a Diana, dessa da castidade, entre estas serras altas, onde ela honradamente é guardada de Ninfas. Mas naquilo que se faz contra vontade de quem o faz, parece que ofende a algum Deus, porque sempre depois nascem desvios que tolhem o fim [devido], como aconteceu a mim que, andando um dia à caça por entre estas brenhas, acertei acaso de ir dar com um cavaleiro que demudado dos trajes de caçador andava por aqui. E por minha causa a seguiu ele então, e enganosamente me fez crer, e como eu com ele desse de súbito, quisera tornar o passo atrás fugindo, e assi verdadeiramente o comecei fazer, mas ele que mais corria que eu, lançando-se azinha após mi, me alcançou não muito longe daqui donde nos agora estamos, e falando-me palavras d'amor com afagos, e com mimos m'assegurou dizendo: «Eu não são pela ventura quem vos, senhora, cuidais.» E em voltas destas palavras deixando cair as raras lágrimas pela sua bem posta barba abaixo, me contou quem era, e como é chamavam, e como havia muito tempo que por aqui andava feito caçador esperando só poder-me tornar. Veio-me fazendo crer que em outra parte já me vira, e que d'então até entences nunca mais é poderá sair da memória. E assi me disse enganosamente aquelas palavras, o que, ainda que eu fora feia, não lhes poderá então deixar de crer. Como triste de mim'enganei! Que vos ei enfim de dizer? Eu fui contente de tudo o que ele mostrou que é aprazia, e naquele grande amor passamos ambos de dous todos quatro anos inteiros, que a nos pareciam então dias, e agora acabados eles. Em começo de minha grande desventura, há outra Ninfa também destes bosques que é veio, parece, a [parecer] bem, e a furto de mim se seguiram um ao outro, mas eu não mais segura que receiosa logo o engano senti (que quem poder enganar a pessoa namorada?). E para me mais ainda magoar, eu também no meu dano engenhosa tantos meios busquei, que um dia vindo eu da caça e bem acompanhada e farta dos cuidados dele pondo-me à mesa, me vieram mostrar diante destes tristes olhos meus, dantr'ambos eles uns penhores de amor que por minha causa foram manhosamente furtados a ela, e não me podendo eu quase suportar, como fera que cansada vindo de longes terras com o mantimento para seus pequenos filhos, [achando-os] levados, solta da boca a preá e, esquecendo todo seu cansaço, corre hora uns hora outros montes, assi fiz eu.

Testemunhas verdadeiras me sejam todos estes matos. Não cessei te que o vim achar à sombra deste arvoredado onde descansando (dizia ele) estava da calma que caia então, e do trabalho do coração que tinha por naquele dia a não ter visto.

Mas não era assi, que, vindo eu, virá ir por a assomada passando apressadamente aquela que por meu mal veio aqui, e se me eu não enganei, ela não ia doutra parte. E por isso e por o mais lançando eu as mãos irosas aos meus cabelos todo este chão cobri deles, como vedes, e querendo-me ele com palavras falsas e lisonjeiras valer, abraçando-me, o arredei de mim longe, contando-lhe tudo miudamente, pedindo vingança a Deus sobre ele e sobre seus enganos, tornando-me por derradeiro a mim com minhas mãos como que ainda assi triste de mim me vingasse dele, e ele então tirando de seu seio a rede de caça que é eu com minhas mãos noutro tempo fizera, quando com a teia me consolava estando as horas que o não podia ver, e estirando-a ele me mostrou as letras que nela estavam com mui artificiosa arte feitas por mim, e vendo-as não sei como fiquei atada com minhas mãos. Negando-me ele muitas vezes que não era assi o que é eu dissera, e afirmando-mo com juras grandes, mas não no crendo eu, tornou ele muitas vezes pedir-me por sua vida e minha; e depois por derradeiro, quando viu que nenhum remédio para o eu crer havia, tomando Deus por testemunha, se virou para aquela parte donde nasce o Sol, dizendo só estas palavras: «Pois me não quereis crer, quando vos não pese, eu farei que me creaeis, quando vos não possa deixar de pesar.» E assi se virou e de todo se foi, e a minha alma me convidou logo ir-me trás ele, mas a manencorea tinha então maior poder sobre mim que o juízo, e assi se foi, nem é disse que me desatasse, ou que é lembrou, ou não lembrou, abasta que não tornou mais. Quisera bradar logo para que alguém me valesse, mas a vergonha de me verem assi atadas as mãos, me tolheu fazê-lo, senão agora que a noite e a fraqueza de todos meus espíritos em quem conhecia certos sinais de não poder viver muito, me fizeram dar gritos, e parece quis a ventura que fosse para que me vos ouvísseis. Vedes aqui em quão pouco espaço contado todo meu mal que passei então, que o que está por passar, não pode ser senão triste, porque quem me assi p"de deixar, já por outrem me tinha deixado. E o dom que de vos aceitei, não é para que me vingueis dele, que é não quis tão pouco bem que é possa ainda querer este pequeno mal, mas quero-o para que me vingueis dela.»

Capítulo XVI

De como Avalor nem quisera que a donzela é pedira aquele dom pelo não desviar de seu caminho: e do mais que Avalor dela quis saber, para ver a razão que tinha para por ela haver batalha.

Avalor ficou tão embaraçado com este pedido que não tão somente soube tornar repostas, antes deu causar a ela para presumir dele mal. E não se podendo suportar (dizia meu pai) que como [mulher] é disse: «Parece, senhor cavaleiro, que duvidais alguma cousa? Sei que vos esquece que isso não podeis fazer senão antes do prometimento.» «Não duvido, senhora», é tornou ele, «mas estou-me espantando de quam mofino fui.» «Em que?» respondeu ela. «Eu vos direi:

Meu pai, quando ainda moço pequeno, por grandes sem-razões da ventura foi levado da sua terra natural para outras muito alongadas dela, onde, depois de homem feito por nobres e grandes feitos d'armas, mereceu não menos estado na terra estranha que na sua é era devido pelo alto tronco de nobreza e sangue donde descendia. E entre outros muitos grandes feitos d'armas que ele também fizera, contava um (que a mim muitos me contou) sendo eu pequeno ainda. Que indo ele a vez só por um caminho que entre as altas e fragosas cerras se fazia acerca de a

fonte que de um penedo daquela cerra saia, sob a arvore frondosa, achara a donzela ricamente vestida, dormindo. E olhando ele bem, vira-lhe aquela parte do seu rosto que descoberto tinha, rasgado como de mãos irosas feitas as carreiras de sangue por elas. E apeando-se então do cavalo pela ver melhor e também para ver se dele é cumpria algum serviço, que aquela estada assi em ermo o convidou logo sem tardança para haver piedade dela. Mas ele descido, acordara logo ela, pondo os olhos nele, é dissera: «Para que disseste, cavaleiro, que donzelas tristes não são para ver.»

«São logo para as servir», é dissera ele. «Mas se alguma fadiga tendes, senhora, para que vos não cumpra, ainda me tornarei a ir, que o dó que ouve de vos ver assi entre estas penhas me fez descer para saber se mandais alguma cousa de mim que vos cumprisse, que esta obrigação me pareceu que era devida ao acerto de vir eu por aqui.» «Para que vos hei de dizer?», tornou ela então, «Que hei mester na desventura em que ando? Pois ainda que vos me outorgásseis, me não podia prestar.» «Quem vos enojou assi esse vosso formoso rosto», dissera ele, «não pode ser de nenhum feito grande d'armas». «Assi, senhor cavaleiro», acudira ela a estas palavras que é pareciam ditas de bom coração. «Eu me fiz assi este [mão] pesar todo que vedes, e outros maiores outrem a quem os eu não mereci, me tem feito n'alma e na vida, que se não podem ver senão a longo tempo.» «E aqui levando as mãos aos cabelos seus longos que já dantes pareciam estando que não foram poupados só para então os começava magoadamente a carpir, senão que meu pai acudiu pedindo-lhe por merce (dizia ele) que a fizera estar queda, dizendo-lhe que a todo seu poder ela seria contente ou ele morreria na demanda e que é dissesse o que havia e contando-lhe entoncos é dissera estas palavras:

Capítulo XVII

De como Avalor se partiu com a donzela para o castelo onde havia de ser a batalha.

«Não muito longe destas cerras está um castelo muito forte em si em o qual mora um tio e dous sobrinhos que consigo ai tem, e o guarda por um senhor de toda esta terra que com outro seu comarcão traz agora guerra. Um daqueles sobrinhos me tirou a mim de casa de minha mãe, que pai muito havia que o perdera, para que parece, fosse mais desamparada agora. E depois que muito tempo me teve naquele castelo a seu prazer, por a mulher que parecia formosa mas enganosa que por ai acertara de passar com um outro cavaleiro a quem eles [cruelmente] mataram por lhe tomarem, me deixou a mim, e me lançou desamoravelmente por a porta do castelo fora aquele dia que recolhera aquela outra para si. E ainda para a mais obrigar me mandou dantes qu'isto fosse vestir e [ataviar] ricamente e logo cuidando que era para que doutra maneira a contentasse, o [cruel] dele depois de me ter mandado por de [fora] de fortaleza e fechada a porta dela, se pôs em um miradouro alto com ela dizendo: «Vos só, senhora, [sois] a por quem aquilo deixo, e pude, e folgo de deixar.» E em galardão daquelas palavras é lançava ela os braços por o pescoço e o beijava muitas vezes e quando eu tão desarrezoadamente vi possuído doutrem o que a mim só era devido, como anojando-me da vida, me vim por estas terras por ver se toparia com alguma fera que fartasse a sua ira na minha, onde me parece que há mil anos que ando d'hoje pela manhã, no mais, d'andar aqui. E de cansada do cuidado mais que do corpo me adormeci pouco. Prouvera Deus que não acordara mais.»

Meu pai que em extremo houve piedade dela, dizia que é dissera, levantando-a, que por merce é amostrasse o castelo, e subindo ele em seu cavalo a tomara nas ancas e por muito rijo que caminhara não chegara lá senão alta noute e ele que logo se arreceou de é não quererem abrir a porta nem tomarem campo com ele, porque quem fazia vileza as damas devia fazer todas as outras, e assi se agasalhou mansamente debaixo um balcão que se fazia à porta do castelo sobre que ia a ponte levadiça. E abrindo um servidor a porta pela manhã, antes que o sentissem, foi assi a pé, armado como toda a noite estivera, ameaçando o porteiro e lançando-o da ponte abaixo, o fez calar. Nisto deixou a donzela que é trouxesse o cavalo. Fê-lo ela azinha. Subido que foi nele, entrando por um terreiro grande que no meio do castelo se fazia, disse encontra a donzela que à porta ficara: «Agora é todo este castelo vosso, senhora, e tudo o que nele está.» Já a estas palavras e rugido do cavalo eram os do castelo pelas janelas e aquela donzela que dentro estava vestida em a roupa longa como se erguera, não se pôde ter que com um desdém da manga da camisa não dissesse: «De todo o que nele está, ainda que pode ser, não sair nunca da vontade de meu senhor, por quanto é a minha e ser em mentes ele tiver olhos.» Meu pai olhando para cima e vendo mulher, calou-se, mas logo se foi à porta do castelo e fechou-a com as chaves que tomara ao porteiro e entregando-as a donzela que com ele vinha, é disse: «Tomai, senhora, vossas chaves, que a vos pertence elas e não a outrem.» E daí foi-se para um cabo do terreiro com sua lança em coxa, e não esteve ele assi muito, que por outra parte doutro pátio que mais dentro se fazia, viu vir um cavaleiro grande, ao parecer de grande esforço, formosamente armado, em um formoso cavalo com sua lança na mão, e escudo embaraçado a ponto d'haver batalha e chegando onde meu pai estava, dizia ele que com demasiada ira disse encontra a donzela que o ali trouxera, estas palavras:

LAUS DEO

FIM